



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

RAFAELA TAYNÁ MORAES MAIA

**CIDADE DAS MANGUEIRAS: A TOPONÍMIA DOS BAIROS DE
BELÉM - PA**

**CAMPO GRANDE
2024**

RAFAELA TAYNÁ MORAES MAIA

**CIDADE DAS MANGUEIRAS: A TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE
BELÉM - PA**

Dissertação de Mestrado apresentada como um dos requisitos para o cumprimento parcial das exigências para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

**CAMPO GRANDE
2024**

M184c Maia, Rafaela Tayná Moraes

Cidade das mangueiras: A toponímia dos bairros de Belém - PA/ Rafaela Tayná Moraes Maia. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

98 p.

Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

1. Toponímia. 2. Belém. 3. Bairros. I. Dargel, Ana Paula Tribesse Patrício II. Título

CDD 23. ed. - 917.133

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Joyce Mirella dos Anjos Viana, CRB nº 3530 - 1ª Região.

RAFAELA TAYNÁ MORAES MAIA

CIDADE DAS MANGUEIRAS: A TOPONÍMIA DOS BAIRROS DE BELÉM - PA

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
UEMS

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
UEMS

Prof.^a Dra. Ana Claudia Castiglioni
UFNT

Data: 04/06/2024

CAMPO GRANDE
2024

Dedico esta pesquisa à minha
família que muito me apoiou e me
incentivou a realizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação não é fácil, pois são dois anos de trabalho árduo. Contudo, se os desafios foram muitos, as motivações foram grandiosas. Portanto, quero expressar a minha mais profunda gratidão, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, pelos quais move minha fé, e aos que caminharam comigo, em especial:

Ao meu amado marido, Roberto, por seu apoio inabalável ao longo de todos esses anos. Sua paciência, amor e encorajamento foram a força motriz por trás de todas as minhas conquistas. Sinto-me verdadeiramente abençoada por tê-lo ao meu lado, compartilhando alegrias e desafios, enquanto caminhamos juntos nesta jornada chamada vida;

À minha mãe, Tarcilene, e ao meu padrasto, Eliezio, quero expressar minha imensa gratidão pelo apoio incondicional que eles têm me proporcionado desde o início. Mãe, sua persistência e incentivo incansável para que eu me dedicasse aos estudos nunca passaram despercebidos. Padrasto, mesmo não sendo meu pai biológico, você sempre esteve presente, apoiando-me e oferecendo-me seus sábios conselhos. As palavras de sabedoria, o encorajamento e a dedicação que vocês demonstram diariamente são verdadeiramente inspiradores. Graças a vocês, sinto-me motivada a buscar sempre o melhor em tudo o que faço. Obrigada por serem os meus pilares de força, por acreditarem em mim nos momentos mais difíceis e por serem uma fonte constante de amor e apoio. Sou infinitamente grata por ter vocês ao meu lado.

Aos meus irmãos, Gabriela, Joaquim, Giulia e Luciana, agradeço por serem um manancial constante de alegria em minha vida. Suas risadas e o apoio mútuo que compartilhamos tornam cada passo que dou mais significativo. Sou grata por termos construído uma relação tão forte, baseada no amor e na união.

Expresso também minha sincera gratidão à minha orientadora, Ana Paula. Seu conhecimento profundo, orientação perspicaz e dedicação incansável foram fundamentais para minha formação acadêmica. Agradeço por compartilhar seu tempo, sabedoria e experiência, contribuindo para o meu crescimento intelectual e profissional. Sua presença foi um farol que me guiou nos momentos mais desafiadores, e sou eternamente grata por tê-la como mentora.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para minha formação. Amigos, familiares, professores e colegas, cada um de vocês deixou sua marca em minha jornada. Seja por meio de uma palavra amiga, uma ajuda desinteressada ou um gesto de encorajamento, cada contribuição foi inestimável e me ajudou a alcançar meus objetivos.

Neste momento de gratidão, reconheço que sou verdadeiramente abençoada por ter tido tantas pessoas especiais ao meu lado. Sem esse apoio nada disso seria possível. Obrigada por estarem comigo nessa caminhada e por serem uma parte tão importante da minha história. Que Deus e Nossa Senhora de Nazaré abençoem a todos vocês com saúde, felicidade e prosperidade contínua. Que nossos caminhos continuem se cruzando e que possamos celebrar juntos muitas outras conquistas.

“[...] Bembelelém
Viva Belém!
Nortista gostosa
Eu te quero bem.
Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacuri sapoti
Terra de fala cheia de nome indígena
Que a gente não sabe se é de fruta pé de
pau ou ave de plumagem bonita. [...]”

Manuel Bandeira

MAIA, Rafaela Tayná Moraes. **Cidade das mangueiras: a toponímia dos bairros de Belém - Pará**. 2023. 98 fs. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, *campus* de Campo Grande, 2023.

RESUMO

A toponímia se dedica ao estudo dos nomes atribuídos a lugares, sejam eles referentes a características geográficas ou a aspectos relacionados à presença humana. No âmbito desta pesquisa, o foco voltou-se para a cidade de Belém, capital do estado do Pará, explorando-a como objeto de estudo na área da Toponímia (divisão da Onomástica, que estuda os nomes de lugares). Belém é composta por 72 bairros, agrupados em oito distritos administrativos: Belém, Bengui, Entrocamento, Guamá, Icoraci, Mosqueiro, Outeiro e Sacramenta. Cada um desses bairros ostenta um nome que traz consigo uma rica história cultural. Neste estudo, nossa intenção é apresentar esses topônimos, com o propósito de aprofundar nossa compreensão acerca do processo de denominação e sua conexão intrínseca com a história e a cultura local. A metodologia adotada englobou a coleta e análise dos topônimos dos bairros de Belém, distribuídos em seus respectivos distritos administrativos. Isso incluiu investigar as razões subjacentes à escolha dos nomes, sua etimologia, classificação toponímica e língua de origem. Como suporte para a análise, recorreu-se a fontes variadas, como, dicionários, materiais de pesquisa acadêmica e informações disponíveis em sites do IBGE e da prefeitura da cidade, que ofereceram uma base sólida de dados. Um dos primeiros passos foi compilar obras relevantes na área de estudo, visto que a pesquisa bibliográfica se apresentou como a principal fonte de informações. Nesse contexto, foram consultadas pesquisas acadêmicas que incluíam teses, dissertações e monografias de pesquisadores renomados, tais como Sampaio (1928), Dick (1990 e 1992), Carvalhinho (1998), Andrade (2006), Isquerdo (2008), Dargel (2004) e Silva (2020). Dessa maneira, o objetivo foi realizar uma análise abrangente dos topônimos que compõem os bairros de Belém, com enfoque na origem de seus nomes, na etimologia que os sustenta, em sua taxonomia e na língua de proveniência. Após a pesquisa, comprovou-se que as interações entre a língua, a cultura e o ambiente determinam as denominações dos bairros da cidade de Belém- PA.

Palavras-chave: Toponímia; Belém; bairros.

MAIA, Rafaela Tayná Moraes. **City of mango trees: the toponymy of neighborhoods of Belém - Pará**. 2023. 98 fs. Dissertation (Master's degree in letters). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande campus, 2023.

ABSTRACT

Toponymy is dedicated to the study of names attributed to places, whether they refer to geographical features or aspects related to human presence. Within the scope of this research, the focus was on the city of Belém, capital of the state of Pará, exploring it as an object of study in Toponymy (a division of Onomastics, which studies place names). Belém is made up of 72 neighborhoods, grouped into eight administrative districts: Belém, Bengui, Entrocamento, Guamá, Icoraci, Mosqueiro, Outeiro and Sacramenta. Each of these neighborhoods bears a name that brings with it a rich cultural history. In this study, our intention is to present these toponyms to deepen our understanding of the naming process and its intrinsic connection with local history and culture. The methodology adopted involved collecting and analyzing the place names of Belém's neighborhoods, distributed in their respective administrative districts. This included investigating the reasons behind the choice of names, their etymology, toponymic classification, and language of origin. A variety of sources were used to support the analysis, including dictionaries, academic research materials and information available on the IBGE and city hall websites, which provided a solid base of data. One of the first steps was to compile relevant works in the field of study, since bibliographical research was the main source of information. In this context, academic research was consulted, including theses, dissertations, and monographs by renowned researchers such as Sampaio (1928), Dick (1990 and 1992), Carvalhinho (1998), Andrade (2006), Isquerdo (2008), Dargel (2004) and Silva (2020). In this way, the aim was to carry out a comprehensive analysis of the toponyms that make up Belém's neighborhoods, focusing on the origin of their names, the etymology that underpins them, their taxonomy, and the language of provenance. The research showed that the interactions between language, culture and the environment determine the names of the neighborhoods in the city of Belém, Pará.

Keywords: toponymy; Belém; neighborhoods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1. Taxonomia de Natureza Humana.....	44
Gráfico 2. Taxonomia de Natureza Antropocultural.....	46
Gráfico 3. Língua de Origem.....	48
Gráfico 4. Total das Txes.....	49

MAPAS

Mapa 1	90
Mapa 2	91
Mapa 3	92
Mapa 4	93
Mapa 5	94
Mapa 6	95
Mapa 7	96
Mapa 8	97
Mapa 9	98

TABELAS

Tabela 01 Taxinomias relacionadas à natureza humana.....	26
Tabela 02 Taxinomias relacionadas à natureza antropocultural.....	27

LISTA DE SIGLAS

DABEL	Distrito Administrativo de Belém
DABEN	Distrito Administrativo do Bengui
DAENT	Distrito Administrativo do Entroncamento
DAGUA	Distrito Administrativo do Guamá
DAICO	Distrito Administrativo de Icoaraci
DAMOS	Distrito Administrativo de Mosqueiro
DAOUT	Distrito Administrativo de Outeiro
DASAC	Distrito Administrativo da Sacramenta
CODER	Companhia de Desenvolvimento da Área Metropolitana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
1.1. Léxico: conceitos	16
1.2. Relação entre língua, cultura e ambiente (Sapir, 1961)	18
1.3. Relação entre língua, cultura e ambiente (DICK, 1990)	21
1.4. Onomástica: conceito e áreas	22
1.5. Toponímia: conceito, histórico, principais domínios, modelos de classificação	23
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	28
CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	29
3.1. apresentação dos dados	29
Quadro 1 – DABEL - Distrito administrativo de Belém	30
Quadro 2 – DABEN - Distrito administrativo do Bengui	32
Quadro 3 – DAENT - Distrito administrativo do Entroncamento	33
Quadro 4 – DAGUA - Distrito administrativo do Guamá	35
Quadro 5 – DAICO - Distrito administrativo de Icoaraci	36
Quadro 6 – DAMOS - Distrito administrativo de Mosqueiro	38
Quadro 7 – DAOUT - Distrito administrativo de Outeiro	41
Quadro 8 – DASAC - Distrito administrativo da Sacramenta	42
3.2. Análise dos dados	43
3.3. Histórico dos bairros	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	80
SITES CONSULTADOS	82
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

O ser humano sempre teve a necessidade de nomear pessoas, objetos e lugares para se localizar no tempo e no espaço. Para dar aporte teórico às motivações dos nomes, surge a Onomástica que se subdivide, tradicionalmente, em Toponímia e Antroponímia. Enquanto aquela estuda os nomes próprios de lugares, esta se ocupa dos nomes, prenomes e sobrenomes próprios.

No tocante à Toponímia, cada nome de lugar representa a interação entre aspectos socioculturais, históricos e ambientais, evidenciando que o ato de nomear está intrinsecamente ligado à história daquela comunidade específica.

A escolha, nesta dissertação, pelo estudo dos topônimos foi motivada pelo interesse em aprofundar os estudos toponímicos na região do Pará, iniciados durante a graduação em Letras, ao investigar os nomes dos municípios desse Estado da federação brasileira. Pretende-se, pois, direcionar a análise para os nomes dos bairros da cidade de Belém, buscando desvendar os elementos que moldaram a identidade local. Com isso, pretende-se contribuir de forma significativa para o conhecimento existente nessa área de pesquisa.

Belém, inicialmente denominada Santa Maria de Belém do Grão Pará, é a capital do Estado do Pará, uma cidade histórica e portuária de 408 anos de existência, fundada pelos portugueses às margens da baía do Guajará e localizada no extremo Nordeste da maior floresta tropical do mundo, a floresta amazônica, sendo a capital mais chuvosa do Brasil devido ao clima equatorial.

A história da cidade está intrinsecamente ligada à memória do Pará ao longo de quatro séculos de formação e progresso. Francisco Caldeira Castelo Branco, antigo líder militar no Rio Grande do Norte e um dos heróis na expulsão dos franceses do Maranhão, teve a honra de liderar uma expedição de 200 homens com o objetivo de afastar corsários estrangeiros do litoral Norte e iniciar a colonização do "Império das Amazonas".

Em 12 de janeiro de 1616, o líder militar fundou a cidade de Belém e estabeleceu os alicerces da cidade às margens da baía do Guajará, no local que hoje é conhecido como Forte do Castelo ou Forte do Presépio cujo espaço marca o berço da cidade. Lá, construiu uma fortificação de paliçada, formada por um quadrilátero de taipa de pilão e guarnecida de cestões. Atualmente conhecida como o histórico Forte do Castelo, inicialmente essa fortificação foi chamada de Presépio em cujo interior foi erguida uma capela dedicada à

Nossa Senhora da Graça e ao seu redor começou a se formar um povoado que recebeu o nome de Feliz Lusitânia, sob a invocação de Nossa Senhora de Belém.

Durante esse período ocorreram guerras, decorrentes do processo de colonização, que envolveram a escravização das tribos indígenas Tupinambás e Pacajás, além de invasões dos holandeses, ingleses e franceses. Após vencer as batalhas contra os invasores, a cidade perdeu o nome de Feliz Lusitânia e passou a se chamar Nossa Senhora de Belém do Grão Pará.

Por volta do ano de 1650 foram abertas as primeiras ruas, paralelas ao rio Baía do Guajará, enquanto as ruas transversais levavam ao interior da cidade. O desenvolvimento foi maior na parte Norte, onde os colonos construíram suas casas, dando início ao bairro conhecido como Cidade Velha. Na parte Sul, os primeiros habitantes foram os religiosos capuchos de Santo Antônio.

No século XVIII, a cidade começou a se expandir em direção à floresta, afastando-se do litoral. Belém já não era apenas um ponto de defesa, mas também, um centro de penetração para o interior e de conquista da região amazônica. Já no início do século XX, a cidade experimentou um grande avanço, entretanto, logo sofreu uma queda no processo de desenvolvimento com a crise do ciclo da borracha e a Primeira Guerra Mundial.

A divisão territorial da cidade, datada de 2001, consiste em 08 distritos administrativos: Belém, Bengui, Entrocamento, Guamá, Icoraci, Mosqueiro, Outeiro e Sacramenta. Esses distritos abrigam setenta e dois bairros, nomeados de acordo com sua história, sua cultura e seus desbravadores.

Após essa imersão na história e nos elementos que moldaram Belém ao longo dos séculos, são evidentes a complexidade e a riqueza cultural desta cidade marcada pela sua fundação histórica e sua evolução ao longo do tempo. Desde os primeiros passos dados por Francisco Caldeira Castelo Branco até os desdobramentos contemporâneos representados pela diversidade linguística e cultural refletida nos nomes dos seus bairros, Belém se revela como um verdadeiro tesouro de significados entrelaçados. A análise toponímica não apenas revela a origem e a evolução da cidade, mas também destaca a profunda ligação entre a nomenclatura e a identidade cultural de seus habitantes.

Nesse sentido, define-se aqui como hipótese a ser analisada no campo desta pesquisa o fato de que quando um indivíduo nomeia um lugar, ele inevitavelmente reflete a influência de sua própria cultura nesse ato. Assim, na cidade de Belém pode-se observar que os bairros, cujos nomes remetem a características físicas, aspectos religiosos e eventos históricos, evidenciam essa profunda ligação entre a nomenclatura e a identidade cultural.

Ademais, esta pesquisa se propõe não apenas a desvendar os segredos por trás dos nomes dos bairros, mas também a contribuir significativamente para o entendimento mais amplo da identidade e história de Belém, oferecendo um olhar cuidadoso e perspicaz sobre essa fascinante cidade amazônica. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é apresentar os nomes desses bairros da região metropolitana de Belém, com a intenção de demonstrar o processo gerador do significado que sustenta essas nomeações, por meio do inventário, apresentação e discussão de seus topônimos. Os objetivos específicos envolvidos no estudo são: i) quantificar as proporções de topônimos de natureza física e antropocultural; ii) identificar as línguas de origem dos nomes, os quais serão expostos em três quadros com seus respectivos percentuais.

Para alcançar os objetivos propostos, esta dissertação foi organizada em três capítulos, além desta introdução, das considerações finais, das referências e dos anexos.

O primeiro capítulo, de natureza teórica, aborda conceitos essenciais, como, por exemplo, o léxico; a interligação entre língua, cultura e ambiente, fundamentados nas obras de Sapir (1969) e Dick (1990); o conceito de Onomástica e suas diversas áreas de estudo, aprofundando-se no conceito, história, principais campos e modelos de classificação da Toponímia de acordo com as motivações dos nomes de lugares.

O segundo capítulo discorre sobre o caminho metodológico percorrido, que foi pensado com vistas a alcançar os objetivos traçados para a pesquisa, buscando compreender as razões e origens linguísticas, com uma perspectiva etnográfica que relaciona os nomes com a cultura e sociedade locais.

No terceiro capítulo, o *corpus* da pesquisa é exibido em uma tabela, consistindo em um total de 72 bairros distribuídos entre distritos administrativos. O quarto capítulo, por seu turno, concentra-se na análise dos topônimos, enfatizando as classificações taxonômicas e a língua de origem.

Por fim, as considerações finais têm como objetivo proporcionar uma conclusão abrangente, mas não definitiva, apresentando um panorama geral dos resultados obtidos por meio da pesquisa. O trabalho se encerra com uma seção dedicada à catalogação das fontes bibliográficas que serviram de base para a dissertação. Logo em seguida, são disponibilizados os anexos, que incluem um mapa abrangente de todos os bairros, bem como mapas individuais dos distritos administrativos.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Léxico: conceitos

O léxico é uma área no estudo da linguística que desempenha a compreensão e produção da linguagem. Os estudos lexicais abrangem a estrutura, a organização e o significado das palavras em uma língua. Igualmente, as pesquisas nessa área também trabalham a possibilidade de usos significativos e os contrastes de uma unidade lexical.

Sendo assim, compreende-se o léxico a partir de três componentes: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. A Lexicografia é a ciência que se dedica à produção de dicionários, obras que organizam e explicam o significado das palavras de uma língua de maneira sistemática; já a Terminologia refere-se ao estudo, desenvolvimento e uso de termos específicos em um campo de conhecimento ou atividade e; a Lexicologia é o estudo da estrutura, significado e uso das palavras em uma língua.

Este trabalho segue os princípios da Lexicologia, ou seja, da significação das palavras, já que seu escopo é entender o significado dos topônimos existentes no *corpus*, incluindo definições precisas, nuances de significado, e/ou como o contexto pode influenciar o entendimento.

A Lexicologia desempenha um papel crucial na comunicação, permitindo-nos compreender e expressar ideias complexas. É a linguagem e/ou o vocabulário adquirido pelo indivíduo no meio em que vive, sendo ele cultural, social ou familiar. Aprofundar o estudo do léxico pode abrir caminhos para uma melhor interação e uma apreciação mais profunda da riqueza da linguagem, pois é a partir de elementos externos, como, a cultura e a sociedade, que se criam unidades lexicais. Essa interdependência entre elementos externos desempenha um papel fundamental na formação das palavras de um idioma. A linguagem, em sua essência, é uma construção social, moldada e influenciada pelas experiências coletivas de um grupo de pessoas ao longo do tempo. Segundo Oliveira e Isquierdo (2001),

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico-cultural. [...] Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura. (Oliveira; Isquierdo, 2001, p. 09).

Dessa maneira, entende-se que a cultura desempenha um papel crucial na criação de unidades lexicais, uma vez que reflete os valores, as tradições, as crenças e as práticas de uma sociedade. Segundo Costa e Dargel (2022, p. 49), “o homem interage com o meio em que vive a partir da capacidade de associar palavras a conceitos.”

Cada cultura possui suas próprias expressões peculiares e palavras que encapsulam sua identidade única. Por exemplo, o geladinho - espécie de picolé de frutas vendido em saquinhos pelo Brasil – possui vários nomes dentro do país. Enquanto no estado do Pará ele é designado por *chope* ou *chopp*, no Rio de Janeiro o chamam de *sacolé* e em Goiás, *laranjinha*. Esses são exemplos de termos que carregam consigo uma carga cultural e emocional específica.

Para Biderman (1998, p. 81), a palavra é vista de maneira transcendental em diferentes culturas e religiões. Para a autora, “O homem primitivo acredita que o nome não é arbitrário, mas existe um vínculo de essência entre o nome e a coisa ou objeto que ele designa. Assim sendo, não separa a palavra do referente que ela nomeia.” (Biderman, 1998, p. 81-82).

A observação de Biderman traz à tona o conceito de Saussure sobre o signo linguístico. Segundo Saussure (2006, p. 80), o signo é a representação mental de um objeto específico ou da realidade social em que se insere o indivíduo. Em suma, o signo linguístico, ou seja, a palavra, só tem existência na medida em que há uma ligação indissociável entre o significado e o significante. De fato, Biderman foi assertiva ao afirmar que:

Podemos imaginar que, em um momento específico, uma correlação entre um significante e um significado foi estabelecida, ou seja, um conceito foi atribuído a um referente; no entanto, este fato raramente é confirmado. O nascimento das palavras não é registrado. (Biderman, 1998, p.106).

Portanto, já que a sociedade influencia na evolução e na adaptação do léxico, à medida que um grupo social progride e se desenvolve novas descobertas lexicais surgem; isso acontece devido aos eventos históricos, mudanças sociais e, principalmente, aos avanços tecnológicos. Para Vasconcelos (1928, p. 9), a língua tem a intenção de fazer o homem se comunicar com o mundo, relatar emoções em frases, vocábulos, gestos, fala e voz. Em suma, o léxico é muito mais do que um conjunto de palavras isoladas; é um reflexo das vivências, da cultura e da sociedade em que se insere. É um tesouro linguístico que se desenvolve e se transforma ao longo do tempo, capturando a essência da experiência humana e revelando as nuances e complexidades de uma determinada comunidade. Portanto, compreender a interligação entre elementos externos, cultura e sociedade é essencial para uma apreciação plena da riqueza e da diversidade que o léxico de uma língua pode oferecer.

1.2 Relação entre língua, cultura e ambiente (Sapir, 1961)

Edward Sapir, renomado linguista e antropólogo, juntamente com seu aluno Benjamin Lee Whorf, também linguista, apresentaram, em 1930, a hipótese Sapir-Whorf ou “relativismo linguístico”, para a qual a linguagem exerce influência na maneira como o mundo é concebido e compreendido. Segundo Sapir, a linguagem não é meramente um veículo de comunicação, mas também, um espelho da cultura e do ambiente na qual é empregada. Dessa forma, a linguagem, a cultura e o ambiente encontram-se intrinsecamente conectados.

O relativismo linguístico postula que a língua determina o pensamento. Em outras palavras, sugere que a língua que uma pessoa fala influencia diretamente como ela pensa e percebe o mundo ao seu redor. Simplificando, isso implica que a estrutura e o vocabulário da linguagem utilizada moldam e delimitam a capacidade de compreensão e expressão de certos conceitos.

Contudo, salienta-se que a forte hipótese de Sapir-Whorf é frequentemente alvo de controvérsias e não é amplamente aceita. Muitos linguistas argumentam que a influência da língua no pensamento é mais sutil e que outros fatores culturais e cognitivos também desempenham um papel significativo na formação de nossas ideias. Por outro lado, existe a hipótese fraca, que argumenta que a língua não determina o pensamento, mas sim, o influencia. Em termos simples, essa visão sugere que a linguagem pode impactar nossa interpretação do mundo, porém, não é o único elemento que molda nosso pensamento. A hipótese fraca reconhece a importância de outras influências, como experiências culturais e individuais no desenvolvimento do pensamento. Assim, embora a língua possa exercer alguma influência, não é o único fator determinante para o pensamento e a percepção do mundo.

Para Sapir (1961, p. 44), a língua é “um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano”. Além disso, Sapir reconheceu a existência de três "ambientes" da língua: o ambiente físico, o ambiente social e o ambiente linguístico. O ambiente físico refere-se ao mundo natural, enquanto o ambiente social se refere ao contexto cultural e social em que a língua é utilizada. O ambiente linguístico, por sua vez, refere-se à estrutura e à gramática da própria língua.

É importante salientar que a língua reflete a cultura de uma comunidade porque é moldada pelas experiências e valores compartilhados pelos seus falantes. Segundo Sapir, “a língua socialmente formada influencia [...] a maneira pela qual a sociedade concebe a

realidade” (Sapir *Apud* Biderman, 1998, p. 93). Pode-se afirmar, portanto, que por meio da linguagem as pessoas expressam sua visão de mundo, suas crenças, valores, práticas sociais e histórias culturais. Por outro lado, a língua também influencia a maneira como as pessoas percebem e interpretam o mundo ao seu redor já que a língua não é apenas um espelho passivo da cultura, mas também exerce um papel ativo na formação das percepções e pensamentos individuais e coletivos.

Sapir ensina que a realidade é construída, inconscientemente, com base nos hábitos linguísticos de uma região, isso implica que diferentes grupos sociais podem ter realidades distintas.

A linguagem é um guia para a “realidade social” [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes. (Sapir *Apud* Biderman, 1998, p. 93)

É relevante ressaltar que se para Sapir (1961) o termo ambiente se deve às influências, tanto de natureza física como de natureza social, da mesma maneira que Dick refere-se aos dois tipos de natureza dos topônimos. Quando Sapir (1961, p. 44) se refere a fatores físicos ele cita aspectos geográficos, clima, fauna, flora e os recursos minerais do solo; enquanto os fatores sociais se relacionam à religião, padrões éticos, à forma de organização política e à arte. Considera-se, nessa perspectiva, que esses fatores também inspiram as denominações dos lugares propostas por Dick.

A perspectiva de Sapir é importante para a relação entre língua, cultura e ambiente por diversas razões. Destaca a importância da linguagem como reflexo da cultura e do ambiente em que é usada, mostrando que a língua não é apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de expressão cultural e ambiental. Igualmente, reconhece que a linguagem é influenciada pelo ambiente físico, social e linguístico em que é usada, o que significa que a língua é moldada pelas experiências e percepções das pessoas em relação ao mundo ao seu redor. Sugere, ainda, que a língua influencia a forma como as pessoas pensam e percebem o mundo, mostrando que a linguagem não é apenas um reflexo da cultura e do ambiente, mas também um fator que molda a maneira como as pessoas veem o mundo. E, por fim, ajuda a entender como a língua pode ser não somente um fator de identificação cultural, mas também,

como a mesma língua pode identificar culturas diferentes, mostrando que a relação entre língua, cultura e ambiente é complexa e multifacetada.

O léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambram a atenção da comunidade; e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter do ambiente físico e as características culturais do povo considerado. (Sapir, 1961, p. 45)

A teoria Sapir-Whorf faz refletir sobre como a língua pode moldar a percepção da realidade e do pensamento. Entender essa conexão entre língua, cultura e ambiente mostra que a forma de se comunicar não é apenas uma ferramenta, mas uma parte vital de como se entende o mundo e se relaciona com ele.

1.3 Relação entre língua, cultura e ambiente (Dick, 1990)

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, linguista brasileira conhecida por suas contribuições na área de Toponímia e Antroponímia no Brasil, em sua obra “*A motivação toponímica e a realidade brasileira*” afirma que a motivação por trás de um nome é determinada pelos propósitos de quem o atribui, sendo que esses propósitos podem incluir a motivação baseada em características ambientais, sociais ou em narrativas orais transmitidas pelos antepassados. Isso resulta em uma intrínseca ligação entre a língua e a cultura local, tornando impossível dissociá-las.

Em seus estudos, Dick argumenta que há duas perspectivas distintas em relação à motivação toponímica:

1. Aquela a partir da qual o nomeador escolhe uma denominação que atenda às suas necessidades, dentro de um processo paradigmático;
2. Aquela que é determinada pela natureza do local, buscando denominar de acordo com as características do espaço.

Entretanto, ao adotar a primeira perspectiva, percebe-se que entender a intenção do nomeador é crucial. Caso não esteja corretamente documentada, as razões por trás do nome serão apenas suposições, conforme Dick (1990, p. 53) ressalta.

De acordo com a estudiosa supracitada (1990, p. 19), os nomes dos espaços físicos são ricos e sugestivos, envolvendo diversos fatores. Os elementos que desempenham um papel nesses nomes se entrelaçam de várias maneiras, tanto em termos naturais quanto

antropoculturais. Isso significa que o nome de um lugar não será adverso à região; o nome sempre irá refletir a memória das pessoas que ali vivem ou viveram.

O espaço sempre será determinado por um objeto, seja físico ou cultural. Desvendar a origem de um nome não é uma tarefa fácil, não é apenas buscar nos dicionários etimológicos; requer, muitas vezes, o entendimento da história ou geografia para entender o local que está sendo estudado.

Conforme Dick (1990, p. 63) "o espaço natural é percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita". Da mesma forma, é válido considerar que a língua também é percebida de forma peculiar. Por exemplo, enquanto para um habitante do estado de Goiás o pão é chamado de "pão francês", para alguém do estado do Pará, ele é conhecido como "pão careca", mesmo se tratando do mesmo alimento.

Em sua pesquisa, Dick (1990, p. 66) destaca uma observação de Sapir, enfatizando a necessidade de ampliar nosso conhecimento sobre o ambiente ao estudar ou compreender um espaço diferente do nosso próprio. Em outras palavras, é essencial compreender o ambiente do outro para uma compreensão mais completa.

Dick (1990, p. 72) explica que o processo de descrever um lugar implica a utilização de diversas perspectivas e mecanismos para capturar sua essência geográfica. Por exemplo, a descrição direta e imediata de um local pode ser realizada destacando-se seus aspectos mais proeminentes ou evidentes. O observador consegue fazer isso ao atentar para características como cor, forma, dimensão e localização geográfica. É importante notar que a descrição de um lugar pode abranger tanto os aspectos objetivos – como cor e forma – quanto os subjetivos – como os atributos emocionais ou valorativos atribuídos ao local pelo ser humano, tais como, beleza, feiura, qualidade, negatividade ou positividade emocional.

Além disso, existe a possibilidade de descrever um lugar de forma indireta, incorporando circunstâncias externas que não estão diretamente ligadas à sua natureza intrínseca. Esses fatores externos podem ser temporários e efêmeros, não refletindo necessariamente as características permanentes do local.

Em suma, a partir das análises e reflexões de Dick, percebe-se a complexidade e a riqueza envolvidas na motivação toponímica e na descrição de lugares. Suas contribuições destacam a estreita relação entre a linguagem, a cultura e o ambiente físico, evidenciando como os nomes dos espaços refletem não apenas suas características naturais, mas também, as experiências e as percepções das pessoas que os habitam.

Ao reconhecer que a compreensão plena desses nomes exige uma compreensão histórica e geográfica, além da linguística, Dick convida o pesquisador a ampliar os

horizontes e a considerar múltiplas perspectivas ao explorar e descrever os lugares. Em última análise, suas pesquisas lembram da importância de uma abordagem cujas partes não podem ser entendidas como isoladas umas das outras ao estudar a relação entre a linguagem, a cultura e o ambiente, proporcionando estudos valiosos para aqueles interessados na Toponímia e na Geografia cultural.

1.4 Onomástica: conceito e áreas

O ser humano atribui nomes às coisas desde os tempos antigos. Dessa prática de nomeação surgiu a Onomástica (disciplina que se integra à Lexicologia, uma ciência linguística que estuda o conjunto de palavras de uma língua), cujo conteúdo dedica-se aos estudos dos nomes próprios, explorando questões relacionadas ao gênero, à origem e ao processo de denominação. Esse campo de estudo está intrinsecamente ligado à História, à Geografia e a outras disciplinas e se divide em duas subáreas: a Toponímia e a Antroponímia.

Enquanto a Toponímia se ocupa em analisar todos os espaços que são denominados com base em elementos físicos, a Antroponímia investiga os nomes, sobrenomes e até mesmo apelidos, ou seja, tudo que está relacionado à natureza humana e cultural. Dick, uma das precursoras dos estudos onomásticos no Brasil, ensina sobre a Antroponímia e Toponímia, respectivamente.

Transmitido de geração a geração, o nome ou o apelido de família carrega em si todas as marcas da descendência gentílica, não sendo por isso de livre escolha dos cidadãos. A imposição obrigatória do que se convencionou chamar, atualmente, de sobrenome é o seu traço distintivo, em oposição ao prenome, fruto de um ato volitivo dos pais. [...] (Seabra, 2006, p. 1953 *apud* Dick, 2000, p. 218)

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (Dick, 1990, p. 19)

A partir da exploração da Onomástica, evidencia-se a profundidade e a importância dos nomes próprios na sociedade humana, tanto em termos individuais quanto coletivos. A disciplina da Onomástica, integrada à lexicologia, oferece um olhar multifacetado sobre a origem, significado e função dos nomes, sejam eles aplicados a lugares ou indivíduos.

O estudo da Antroponímia e da Toponímia revela não apenas a diversidade cultural e histórica por trás da atribuição de nomes, como também, uma relação entre linguagem, identidade e herança cultural. O exame dos nomes de família e de lugares conduz o

pesquisador a uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, geográficas e históricas que moldam a percepção do mundo ao seu redor.

Como destacado por Dick e outros estudiosos, os nomes são mais do que meras designações; eles são portadores de memória, história e identidade, enriquecendo a compreensão da complexidade humana e cultural. Nesse sentido, a onomástica desvenda a riqueza dos nomes, assim como, convida a refletir sobre a essência da própria condição humana e suas interações com o ambiente.

1.5 Toponímia: conceito, histórico, principais domínios, modelos de classificação

A Toponímia, vertente da Onomástica, trabalha a causa denominativa dos nomes dos lugares, de acidentes geográficos ou humanos, ou seja, nomes dados por pessoas para determinadas regiões. Os estudos toponomásticos podem ser entendidos como a "crônica de um povo" (Dick, 1990, p. 22), examinando como a comunidade nomeou o espaço em que vive. Os estudos nessa área têm como objetivo compreender tanto o processo de nomeação quanto as informações linguísticas relacionadas a esses nomes. Para Isquerdo (2012, p. 118), os nomes dos lugares documentam traços linguísticos e ligações entre o nome e a identidade histórico-cultural de um determinado grupo.

Os estudos toponímicos têm origem em 1878, na França, por meio dos estudos iniciados por Longnon. No entanto, após sua morte, os estudos nessa área foram interrompidos e só foram retomados em 1922, quando Dauzat realizou uma conferência sobre o assunto. Em sua tese de doutorado, Carvalhinhos (1998) menciona que o filólogo português, José Leite de Vasconcelos, foi o pioneiro na divisão da onomástica em Antroponímia e Toponímia. Dentre os seus cinco trabalhos dedicados aos estudos linguísticos, o terceiro concentra-se no estudo da ciência dos nomes, conhecida como Onomatologia.

No Brasil, a Toponímia foi introduzida por Levy Cardoso, especialista nos topônimos de origem caribe e aruaque, a partir de um caráter histórico da lexicologia indígena. Outro especialista na língua indígena foi Theodoro Sampaio que com seu trabalho *O Tupi na Geographia Nacional* (3ª ed. 1928) ganhou destaque com os estudos da toponímia de origem Tupi no País.

Os estudos toponomásticos tornaram-se uma disciplina em 1934, com a criação da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, na Universidade de São Paulo, tendo como ministrantes o professor Dr. Plínio Ayrosa Galvão, com *Estudos Tupinológicos*, de 1967; e o professor Dr. Carlos Drumond, com as obras *Notas Gerais sobre a Ocorrência da*

Partícula *tyb* do Tupi-Guarani na toponímia brasileira, de 1944, e a Contribuição do Bororó à toponímia brasileira, de 1965.

A disciplina vista pelo lado linguístico visa entender a estrutura e a classificação do elemento analisado. Já a Toponímia observada pelo viés extralinguístico avalia quais foram as influências que denominaram aquele local. Isquerdo (2008, p. 37), por exemplo, postula que os designativos de acidentes humanos são um reflexo do momento histórico no ato da denominação e que esses nomes são os “mais afetados pelos fatores extralinguísticos como características do processo de povoamento ocorrido na região”.

A professora Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é uma das pesquisadoras mais renomadas no que diz respeito aos estudos dos topônimos brasileiros. Ela dedicou sua vida à pesquisa e elaboração do Atlas Toponímico do Brasil e suas variantes. Sua tese de doutorado (1980) contribuiu para que a Toponímia não fosse considerada separada de outras disciplinas linguísticas, como, da Lexicologia, que estuda os elementos de formação de palavras, e da Terminologia, que se refere ao conjunto de termos específicos em uma disciplina particular.

De acordo com Andrade (2010, p. 116), a Toponímia não pode ser dissociada de outras disciplinas e deve ser considerada como um complexo linguocultural, um fenômeno presente no sistema das línguas humanas. Vale ressaltar que as linhas de pesquisa para o estudo da Toponímia não se limitam apenas à Lexicologia e à Terminologia, mas também, se conectam com disciplinas, como, História, Geografia, Antropologia, entre outras. Isso possibilita, além de uma análise lógica da nomenclatura, uma compreensão mais profunda da comunidade e seu contexto.

Outrossim, os domínios pesquisa na área da Toponímia ainda se dividem em: Macrotoponímia, a qual se concentra no estudo dos nomes de municípios, e Microtoponímia, que se dedica ao estudo dos nomes de rios, córregos, fazendas e ruas dentro de um único município ou cidade.

A criação de um nome geográfico é influenciada por diversos fatores, como aspectos geográficos, históricos, culturais, etimológicos, linguísticos, semânticos, sociais e taxionômicos. Em sua pesquisa, Dick (1990, p. 4) cita a toponímia brasileira não como algo homogêneo, pois existem nomes que vinculam às origens das diversas etnias indígenas. Sabe-se que o Brasil é um país diversificado, portanto, “refletir sobre a formação da toponímia brasileira é aceitar a multiplicidade de línguas e culturas que originaram e solidificaram nosso idioma” (Silva, 2017, p. 3).

Quanto à estrutura dos nomes geográficos, eles podem ser simples, compostos ou híbridos (Dick, 1990, p. 13). Nomes geográficos simples são aqueles que se definem por si mesmos e não necessitam de complemento, podendo ser substantivos ou adjetivos. Eles também podem incluir sufixos diminutivos, aumentativos ou provenientes de outras línguas; os nomes geográficos compostos, por sua vez, consistem em um ou mais elementos provenientes de diferentes origens. Já os nomes geográficos híbridos são aqueles que incorporam elementos linguísticos de diferentes procedências.

No Brasil, existem nomes que combinam o português e línguas indígenas, ou vice-versa. Essas variações na estrutura dos nomes geográficos refletem a diversidade cultural, histórica e linguística de uma determinada região, demonstrando a influência de diferentes grupos e contextos na formação desses topônimos.

Andrade (2010, p. 116) destaca que as particularidades da Toponímia envolvem a busca pela etimologia, o caráter semântico das palavras e suas transformações linguísticas. Para Dick (1990, p. 48), o topônimo não é indiferente ao contexto histórico e político de uma determinada região, isto é, não é o nome que determina o local e sim o espaço que determina o nome.

Um solo agreste, um clima árido, uma vegetação pobre ou abundante, uma escassez hidrográfica, a peculiar atividade regional ou, por outro lado, a relativa segurança econômica e as tendências artístico-religiosas predominantes na localidade, tendem a configurar, com precisão, o sistema toponímico em espécie, aberto a todas as feições culturais (Dick, 1990, p. 48).

Desvendar a origem de um nome não é uma tarefa fácil, pois não se limita apenas ao dicionário etimológico; exige, muitas vezes, compreender a história e/ou a geografia do local em estudo. No entanto, ao longo da evolução da língua ao longo do tempo, o estudo dos nomes geográficos torna-se complexo. Por vezes, alguns elementos de taxonomia não são identificados por não terem documentos suficientes para corroborar a motivação de um nome.

A abordagem linguística da Toponímia visa compreender a estrutura e a classificação do elemento analisado, enquanto a abordagem extralinguística examina as influências que deram nome àquele local. Isquerdo (2008, p. 37) afirma que os nomes de acidentes geográficos refletem o contexto histórico no momento da denominação e esses nomes são "mais afetados pelos fatores extralinguísticos, como características do processo de povoamento ocorrido na região".

Nesta pesquisa e no estudo feito por Maia (2018) pode-se ver a predominância de duas línguas de origem, indígena e portuguesa, corroborando Dick (1992, p. 4) quando cita a toponímia brasileira como algo heterogêneo. Portanto, "refletir sobre a formação da toponímia

brasileira é aceitar a multiplicidade de línguas e culturas que originaram e solidificaram nosso idioma” (Silva, 2017, p. 3).

Os modelos taxionômicos dispostos por Dick (1992, p. 31-24) é o modelo mais usado em pesquisas como essa por sua relevância nos estudos toponomásticos brasileiros. Nesse modelo, a autora divide as taxionomias toponímicas de duas formas:

- Taxes de natureza física: são os topônimos denominados pelo ambiente físico, seja uma planta em abundância, um rio que estava ou ainda está no local ou até o nome de um animal;
- Taxes de natureza antropocultural: estes nomes são denominados pela história, sociedade e/ou fé de uma determinada região.

A tabela 01, a seguir, permite visualizar a categoria que abrange onze taxionomias relacionadas à natureza física.

Tabela 01: taxionomias relacionadas à natureza física

Taxionomia	Conceito
Astrotopônimo	Refere-se aos corpos celestes.
Cardinotopônimo	Relativo à posição geográfica.
Cromotopônimo	Referente à cor.
Dimensiotopônimo	Indicativo de dimensão como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura e profundidade.
Fitotopônimo	Topônimo relativo à vegetação.
Geomorfotopônimo	Refere-se às formas topográficas.
Hidrotopônimo	Refere-se a acidentes hidrográficos em geral.
Litotopônimo	Relativos à índole mineral e à constituição do solo
Meteorotopônimo	Referente a fenômenos atmosféricos.
Morfotopônimo	Referente a formas geométricas.
Zootopônimo	Topônimos que se referem a animais.

Fonte: elaborada pela autora

A segunda categoria abrange dezesseis taxionomias relacionadas à natureza antropocultural, quais sejam:

Tabela 02: taxonomias relacionadas à natureza antropocultural

Taxionomia	Conceito
Animotopônimo	Relacionado à vida psíquica e cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.
Antropotopônimo	Refere-se aos nomes próprios individuais.
Axiotopônimo	Refere-se aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios.
Corotopônimo	Relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
Cronotopônimo	Indicativos cronológicos representados pelos adjetivos "novo/nova" e "velho/velha".
Ecotopônimo	Relativos à habitação de um modo geral.
Ergotopônimo	Relacionados à cultura material do homem.
Etnotopônimo	Referentes a grupos étnicos, povos, tribos, castas.
Dirrematotopônimo	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.
Hierotopônimo	Relacionados aos nomes sagrados de diferentes crenças.
Hagiotopônimo*	Relativos aos santos e santas do hagiologioromano.
Mitotopônimo*	Referentes a entidades mitológicas.
Historiotopônimo	Topônimos relativos a fatos ou personalidades históricas, assim como as datas correspondentes.
Hodotopônimo	Relacionado às vias de comunicação rural ou urbana.
Númerotopônimo	Composto por adjetivos numerais.
Poliotopônimo	Constituídos pelos vocábulos "vila", "aldeia", "cidade", "povoação", "arraial".
Sociotopônimo	Envolve atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.
Somatopônimo	Envolve uma relação metafórica com partes do corpo humano ou animal.

Fonte: elaborada pela autora

* Os topônimos Hagiotopônimos e Mitotopônimos são subdivisões dos Hierotopônimos.

2. METODOLOGIA

“A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem” (Chizzotti, 2000, p. 11). Na perspectiva de Chizzotti, o investigador tem o papel de recorrer à observação de elementos do passado ou atuais que ajudem a entender ou até construir o mundo em que vive. Esse capítulo, pois, apresenta o trajeto metodológico adotado para atingir os objetivos estabelecidos no trabalho em tela.

O estudo segue uma abordagem qualitativa, uma vez que se propõe a investigar os topônimos da cidade de Belém, e uma abordagem interpretativa à medida que, com base na coleta dos nomes e na revisão bibliográfica, busca compreender as razões por trás das denominações, além de identificar as línguas de origem dos bairros. Igualmente, possui caráter etnográfico, pois tem o objetivo de analisar os eventos que ocorreram na vida de um grupo. No caso em tela, correlacionaram-se os topônimos com a cultura e sociedade do espaço estudado.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo (Chizzotti, 2008, p.71).

Para realizar este trabalho, o primeiro passo foi a compilação de obras relevantes nessa área de estudo, uma vez que a principal fonte de dados foi a pesquisa bibliográfica. Foram consultadas artigos acadêmicos, teses, dissertações e monografias de pesquisadores, como, por exemplo, Sampaio (1928), Dick (1990 e 1992), Carvalhinho (1998), Andrade (2006), Isquierdo (2008), Dargel (2004) e Silva (2020).

A segunda fase envolveu a coleta de dados – extraídos do site da prefeitura de Belém e organizados em uma planilha do Excel. No total, foram identificados 72 nomes de bairros, distribuídos em 08 distritos administrativos, os quais foram categorizados de acordo com sua: causa denominativa, etimologia, taxionomia, língua de origem e estrutura da palavra.

Para a classificação desses nomes foi utilizado o modelo taxionômico proposto por Dick (1992, p. 31-34). Entretanto, como o foco principal desta pesquisa era a análise dos topônimos, foi necessário recorrer a dicionários etimológicos de autores, como, Symoes (1771), Tibiriçá (1985), Bueno (2008) e Cunha (2010). Vale ressaltar, ainda, que alguns nomes não constavam em tais dicionários, o que nos levou a utilizar a causa denominativa disponível em fontes, como, sites da prefeitura ou jornais locais.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Apresentação dos dados

Neste capítulo busca-se uma compreensão mais aprofundada sobre a origem e significado dos topônimos dos bairros de Belém-PA, enriquecendo o entendimento da identidade cultural e histórica dessa localidade. Serão analisados os dados coletados nos quadros 1 a 8 que apresentam informações sobre os topônimos, língua de origem, etimologia, taxionomia e estrutura dos distritos.

O Quadro 1, referente ao Distrito Administrativo de Belém (DABEL), revela uma diversidade de topônimos, com suas respectivas origens linguísticas e significados. Destacam-se toponímicos, como, "Nazaré" e "Reduto", cujas etimologias remontam a elementos religiosos e históricos, proporcionando uma rica análise sobre as influências culturais na nomenclatura urbana.

O Quadro 2, dedicado ao Distrito Administrativo do Bengui (DABEN), oferece informações sobre toponímicos, como, "Benguí" e "Cabanagem", evidenciando a relação entre a história política local e a escolha de nomes que remetem a movimentos sociais e eventos históricos.

No Quadro 3, que aborda o Distrito Administrativo do Entroncamento (DAENT), observa-se a presença dos toponímicos "Águas Lindas" e "Val-de-Cans", revelando a influência de características geográficas e históricas na denominação dos lugares.

O Quadro 4, referente ao Distrito Administrativo do Guamá (DAGUA), apresenta toponímicos, como, "Canudos" e "Condor", relacionados a eventos históricos e elementos da fauna, respectivamente.

No Quadro 5, destinado ao Distrito Administrativo de Icoaraci (DAICO), destaca-se a diversidade toponímica, sobretudo, "Águas Negras" e "Chapéu Virado", proporcionando uma análise sobre as diferentes influências culturais e ambientais na nomenclatura local.

No Quadro 6, que trata do Distrito Administrativo de Mosqueiro (DAMOS), apresenta topônimos, como, "Aeroporto" e "Paraíso", revelando a presença de elementos sociotopônimos e animotopônimos na denominação dos lugares.

No Quadro 7, que descreve o Distrito administrativo de Outeiro (DAOUT), destaca-se o topônimo "Água Boa", cuja etimologia se refere à água como líquido essencial à vida, combinado com o adjetivo "Boa". A estrutura indica um hidrotopônimo composto e "Itaiteua" revela uma etimologia tupi, no qual "Ita" representa pedra e "Teua" exprime a ideia de muitos.

Já no Quadro 8, que retrata o Distrito Administrativo da Sacramenta (DASAC), há a presença de topônimos como "Barreiro", litotopônimo simples relacionado a barro, e "Telegráfo", um ergotopônimo simples, originado do francês "Télégraphe". Esses dados proporcionam uma compreensão rica da diversidade e significado dos nomes de lugares em Belém, explorando aspectos culturais, geográficos e históricos.

Ao longo deste capítulo, é possível compreender a riqueza cultural, histórica e geográfica que está intrinsecamente ligada aos topônimos dos diversos distritos administrativos de Belém. A análise detalhada de cada topônimo proporciona uma visão mais completa e enriquecedora do significado e da identidade desses locais.

Quadro 1 – DABEL - Distrito administrativo de Belém

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Batista Campos	LP	Batista: Significa “o que batiza” ou “aquele que batiza”. (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ Acesso em 28/05/2023 às 18:55) Campos: Significa "área de semeadura", "zona rural", "terreno baldio". (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ Acesso em 28/05/2023 às 18:55)	Antropotopônimo	Composto
Campina	LP	Campina: <i>s.f.</i> Campo extenso, plano e sem árvores. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 135)	Geomorfotopônimo	Simple
Cidade Velha	LP	Cidade: <i>sf.</i> 'complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma concentração populacional não agrícola' XIII. Do lat. <i>Civitas</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 150). Velha: <i>velho adj. Sm. 'remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso' XIII Do lat. vetulus.</i> (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 670)	Poliotopônimo	Composto
Nazaré	LP	Nazaré: Nossa Senhora de Nazaré é um dos títulos dados a Maria, mãe de Jesus. A devoção teve início com uma famosa aparição e milagre ocorridos em Portugal e espalhou-	Hierotopônimo	Simple

		se pelas colônias portuguesas. (Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#2 Acesso em: 29/05/23 as 10h)		
Reduto	LP	Reduto: - sm. 'refúgio, abrigo, recinto'. Do lat. <i>Reductus</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 552)	Historiotopônimo	Simple
São Brás	LP	São: santo. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 580). Brás: Significa "balbuciar", "gaguejar". (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/bras/ acesso em: 19/06/2022)	Hagiotopônimo	Composto
Umarizal	LP	Umarizal: umari sm. 'planta da fam. Das icacináceas'. Do tupi <i>ume'ri</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 660)	Fitotopônimo	Simple
Marco	LP	Marco: marco ¹ sm. 'baliza, poste, limite, sinal de demarcação' XV. Do lat. Med. <i>Marcus</i> e, este, do germ. <i>Marka</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 411)	Ergotopônimo	Simple

Quadro 2 – DABEN - Distrito administrativo do Bengui

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Benguí	LP	Benguí: Denominação reconhecida pela população do local, originada de uma parada de trem ali criada, juntando o prenome de dois imigrantes. (Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bengui.htm Acesso em: 29/05/2023	Acretopônimo*	Híbrido
Cabanagem	LP	Cabanagem: Sub. fem. movimento insurrecional de caráter político que se deu na província do Grão-Pará em 1835-1836, com agitações e revoltas populares locais até 1840. (Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#5 Acesso em: 29/05/23 as 10h15m)	Historiotopônimo	Simple
Coqueiro	LP	Coqueiro: sm. Palmeira tropical, litorânea,	Fitotopônimo	Simple

		<p>cujas folhas são us. como cobertura ou em cestaria, as fibras dos frutos como material para cordas, isolamento ou estofamento, e os frutos (coco), como alimento; coqueiro-da-baía.</p> <p>(Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 200)</p>		
Parque Verde	LP	<p>Parque: sm. 'orig. bosque cercado onde há caça' 'terreno arborizado que circunda uma propriedade' 'jardim público' XVI. Do fr. Parc, deriv. Do b. lat. Parricum.</p> <p>((Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 479).</p> <p>Verde: adj. 2g. 'da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores' XIII. Do lat. viridis.</p> <p>(Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 673)</p>	Cromotopônimo	Composto
Pratinha	LP	<p>Nome atribuído pela comunidade fixada a partir do limite da área do Infraero, sendo atravessada pela estrada do Pratinha.</p> <p>(http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Pratinha.htm)</p>	Litotopônimo	Simple
São Clemente	LP	<p>São: SANTO.</p> <p>((Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 580).</p> <p>Clemente: Clemência <i>sf.</i> 'disposição para perdoar, indulgência' Clemente - adj. 2g. XV. Do Lat. <i>Clemens -entis</i>.</p> <p>(Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 156)</p>	Hagiotopônimo	Composto
Tapanã	Tupi	<p>Tapanã: [<i>ta'pa'anama</i> - 'povo amigo'] - bairro em Belém no Pará; tem como origem antiga fazenda transformada em hospedaria para nordestinos usados na extração da borracha durante a Segunda Guerra Mundial.</p> <p>(SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português)</p>	Etnotopônimo	Simple
Una	Tupi	<p>Una: <i>elem. comp.</i>, do tupi '<i>uma</i>' preto, negro, escuro', que se documenta em alguns vocábulos. port. de origem tupi: <i>araraúna</i>, <i>boiúna</i>, <i>graúna</i> etc. ((Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 661)</p>	Cromotopônimo	Simple

* Topônimo relativo a siglas.

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Águas Lindas	LP	Águas: <i>s.f.pl.</i> grandes extensões de água (mares, rios, lagos). (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 26) Lindas: lindo <i>adj.</i> Que dá prazer de se ver, ouvir etc. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 480)	Hidrotopônimo	Composto
Aurá	Tupi	Aurá: rio do Maranhão; este topônimo não tem significado, salvo se for corruptela de <i>aruá</i> ou <i>uruá</i> , certo molusco de água doce do gênero Paludina. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 26).	Hidrotopônimo	Simple
Castanheira	LP	Castanheira: <i>s.f.</i> nome comum a diversas plantas com sementes comestíveis tb. Conhecidas como castanhas. Árvore de até 30m de altura, nativa do mediterrâneo cujo fruto é muito apreciado na culinária. (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 148).	Fitotopônimo	Simple
Curió-Utinga	Tupi	Curió: <i>sm.</i> 'pássaro da fam. Dos fringilídeos' 1728. De provável origem tupi. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 196). Utinga: cid. Da Bahia; Loc. Suburbana da cid. De São Paulo; de <i>y-tinga</i> , rio branco; o <i>y</i> , que no tupi significa água, rio, é pronunciado guturalmente quase como <i>u</i> , razão porque em muitos topônimos aparece assim graiado (<i>acará-u</i> , <i>tambá-u</i> , <i>tapui-u</i>). (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 119).	Zootopônimo	Composto
Guanabara	Tupi	Guanabara: baía da cid. Do Rio de Janeiro; a versão clássica corrente é: <i>guanã-bará</i> , mar semelhante baía, ou, baía-mar; cabe aqui, no entanto, uma segunda interpretação: <i>guanãbará</i> , mar das marrecas. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 51).	Hidrotopônimo	Simple
Mangueirão	LP	O apelido 'Mangueirão' é de autoria do	Fitotopônimo	Simple

		<p>cronista esportivo Moacir Calandrini, que achou o estádio parecido com o formato de uma manga. Além de ser uma homenagem à Belém, que é chamada de cidade das mangueiras.</p> <p>(https://portalamazonia.com/estados/para/mangueirao-conheca-o-maior-estadio-do-norte#:~:text=O%20apelido%20'Mangueir%C3%A3o%20%C3%A9%20de.20%20de%20fevereiro%20de%201978)</p>		
Marambaia	Tupi	<p>Marambaia: nome que os Tupi davam à restinga; esse nome indígena perpetuou-se numa restinga do litoral fluminense. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 179).</p>	Geomorfotopônimo	Simple
Souza	LP	<p>Souza: Significa "seixo", "pedra", "pombo bravo" ou "aquele que pertence ao rio Sousa" Souza é uma variação do nome Sousa, que tem origem do latim saza ou saxa, e que significa "seixo" ou "pedra". Souza ainda pode estar relacionado com Seixa, uma espécie de pombo selvagem e agressivo típico da região Ibérica, e que no século XI era chamado de Sausa, em Portugal. (Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/souza/ Acesso em: 29/05/23 às 12h23m).</p>	Antropotopônimo	Simple
Val-de-Cans	Latim	<p>As duas possíveis versões da origem do bairro começam no século XVII e se remetem à geografia daquele território, que ganhou o nome de vale (val). Uma delas, que é a que dá o nome oficial, trata de uma comunidade de negros idosos. Em latim, o envelhecimento é associado à palavra "canus". E aí virou "cans". Daí o vale dos idosos, o Val-de-Cans. "Poderiam ser alforriados ou remanescentes de quilombos", pontua o historiador Diego Pereira, coordenador do curso de História da Unama. Outra versão lembra de uma enorme propriedade rural que existia na área onde hoje está o bairro. Era uma fazenda da Ordem das Mercês. Lá, os religiosos mantinham canis. E assim, a fazenda ganhou o nome que talvez tenha sido o nome original do bairro, Val-de-Cães. Devido ao que representava, acabou sendo mudado para "cans". Para as elites que moldaram a história de Belém, era menos esquisito morar no vale dos decanos do que no vale dos cachorros. (https://www.oliberal.com/belem/conhe%C3</p>	Geomorfotopônimo	Composto

		%A7a-a-hist%C3%B3ria-do-bairro-de-val-de-cans-ou-c%C3%A3es-sobre-idosos-cachorros-e-militares-1.155105)		
Universitário	LP	Universitário: <i>adj. s.m</i> que(m) é aluno de universidade ou de algum curso superior <i>adj.</i> De universidade <professor u.> (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 4 ed. 2010, p. 784).	Sociotopônimo	Simple

Quadro 4 – DAGUA - Distrito administrativo do Guamá

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Canudos	LP	Homenagem à presença da força policial do Pará na campanha de Canudos, contra os cangaceiros, quando os paraenses obtiveram magníficos triunfos, que possibilitaram a queda do derradeiro reduto rebelde. (http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Canudos.htm)	Historiotopônimo	Simple
Condor	LP	Condor: <i>sm.</i> 'ave falconiforme, da fam. Dos catartídeos' 1858. do cast. <i>Cóndor</i> , deriv. Do quíchua kúntur. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 170).	Zootopônimo	Simple
Cremação	LP	Cremação: incinerar, queimar (cadáver). Do lat. <i>Crematio -onis</i> . (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 188)	Sociotopônimo	Simple
Guamá	Tupi	Guamá: distrito e mun. Do Pará; de <i>guamá</i> , nome de tupi do peixe-coelho; seg. Levy Cardoso, este topônimo provém de Guaimã, nome de um cacique da tribo Aruã. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 51)	Zootopônimo	Simple
Jrunas	Tupi	Jrunas: s. a boca negra. (Vocabulário Tupi-Guarani Português. 7 ed., 2008, p. 194)	Cromotopônimo	Simple
Montese (Terra Firme)	LP	Terra: <i>sf.</i> Território, região; solo, chão. Do lat. <i>Terra (este sinal é ao contrário)</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 631) Firme: <i>adj.</i> 2g. Seguro, fixo, estável. Do lat. Vulg. <i>Firmis</i> (cláss. <i>firmus</i>). (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 294)	Litotopônimo	Simple

Quadro 5 – DAICO - Distrito administrativo de Icoaraci

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Águas Negras	LP	Águas: <i>sf.</i> Líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida. Do lat. <i>Aqua</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 19). Negras: <i>adj.</i> Preto, sujo, lúgubre. Do lat. <i>niger, nigra, nigrum</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 448)	Hidrotopônimo	Composto
Agulha	LP	Agulha: <i>sf.</i> Que tem ponta, instrumento que serve para coser, bordar, tecer etc. do lat. <i>Acucula</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 20).	Ergotopônimo	Simple
Campina de Icoaraci	LP + Tupi	Campina: campo. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 119). Icoaraci: vila situada no mun. De Belém, PA; de <i>icó-Araci</i> , estância Araci; Araci é o nome próprio feminino que significa estrela d'alva (tupi <i>ara-sy</i>) lit. mãe do dia. (Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi, 1985, p. 58)	Geomorfotopônimo	Híbrido
Cruzeiro	LP	Cruzeiro: <i>sm.</i> <i>Orig.</i> navegação feita em vários rumos, dentro de uma área limitada, para fins de policiamento. <i>Ext.</i> viagem de turismo e vários pontos. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 192)	Ergotopônimo	Simple
Maracacuera	Tupi	Maracacuera: Segundo o dicionário de Silveira Bueno (2008, p. 209) Maraca indica <i>chocalho</i> . / T. Sampaio explica: <i>Marã-acã</i> , a cabeça de fingimento ou de ficção; instrumento usado pelos feiticeiros (pagés), feito de um cabaço do tamanho da cabeça humana com orelha, cabelos, olhos, narinas e boca, setribado, numa flecha como sobre pescoço [...] (Sampaio, 1987, p. 279). Também em Bueno (2008, p. 111) o sufixo <i>cuera</i> indica propriamente velho antigo. / <i>Cué:</i> <i>adj.</i> Contração de <i>cuéra</i> , mais frequente no guarani. Paraguai. <i>Cuéra:</i> <i>adj.</i> Velho, antigo; o que já foi, o passado; velhaco, esperto, entendido. Sufixo para indicar o	Ergotopônimo	Simple

		passado dos substantivos, valendo como o prefixo latino. Ex.: Sufixo também para o plural dos substantivos. Alt. Coéra, Coér, Coé (Sampaio, 1987, p. 226).		
Paracuri	Tupi	Paracuri: <i>subs.</i> Hortelã do mato <i>Peltodon radicans</i> . (SYMOES, Carlos, <i>O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português</i>)	Fitotopônimo	Simple
Parque Guajará	LP	Parque: <i>s.m.</i> Orig. bosque cercado onde há caça; Terreno arborizado que circunda uma propriedade; Jardim público. Do fr. <i>Parc</i> , deriv. Do b. lat. <i>Parricum</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 479) Guajará: <i>s.m.</i> planta da fam. das sapotáceas. do tupi <i>iuaia'ra</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 326)	Fitotopônimo	Composto
Ponta Grossa	LP	Ponta: <i>sf.</i> A parte ou o ponto em que alguma coisa termina, extremidade. Do lat. <i>Puncta</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 511) Grossa: - <i>adj.</i> De grande diâmetro, sólido, denso, áspero, grave. Do lat. <i>Grossus</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 325).	Dimensiotopônimo	Composto
Tenoné	Tupi	Tenoné: (<i>tenondé</i>) <i>adv.</i> - mais adiante, mais em frente. (SYMOES, Carlos, <i>O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português</i>).	Dirrematotopônimo	Simple
Antônio Lemos	LP	Antônio Lemos: Deve-se em homenagem ao intendente Antônio Lemos. (https://redepara.com.br/Noticia/190336/p-refeitura-de-belem-homenageia-antonio-lemos-com-novo-bairro-em-icoaraci)	Antropotopônimo	Composto

Quadro 6 – DAMOS - Distrito administrativo de Mosqueiro

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Aeroporto	LP	Aeroporto: 1928, do fr. <i>Aéroport</i> . ((Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 15).	Sociotopônimo	Simple
Ariramba	LP	Ariramba: <i>sf.</i> Ave da fam. Dos alcedinídeos. Do tupi <i>*üari'rama</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 56)	Zootopônimo	Simple
Baía do Sol	LP	Baía: <i>sf.</i> Pequeno golfo, de boca estreita, que se alarga para o interior. Possivelmente do fr. <i>Baie</i> , deriv. Do cast. <i>Bahia</i> e, este, do b. lat. <i>Baia</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p.76) Sol: <i>sm.</i> Centro do sistema planetário em torno do qual giram a terra e os demais planetas; estrela que é o centro de um sistema planetário. do lat. <i>sol solis</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 603)	Astrotopônimo	Composto
Bonfim	LP	Deve-se a antiga Granja do Bonfim, que gerou uma ocupação na área definindo sua identidade. (http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bonfim.htm)	Antropotopônimo	Simple
Carananduba	Tupi	Na linguagem indígena, CARANÃ-GRANDE, significa Palmeira semelhante ao açazeiro, de cujo fruto prepara-se uma bebida tal como o açaí. Sua ocupação é tão antiga quanto a vila. (http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Carananduba.htm)	Fitotopônimo	Simple
Caruará	Tupi	Caruará: <i>hora de comer</i> - estrada de 3km que liga a BL13 às praias de Marahu e Paraíso na ilha de Mosqueiro em Belém, Pará. (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português).	Dirrematopônimo	Simple
Chapéu Virado	LP	Chapéu: <i>sm.</i> Peça destinada a cobrir a cabeça. Do fr. <i>Chapel</i> (hoje <i>chapeau</i>), deriv. Do lat. Pop. <i>Cappellus</i> , dim. De <i>cappa</i> (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p.145). Virado: <i>vb.</i> Mudar de um para outro lado a direção ou a posição de. do fr. <i>virer</i> , deriv. do lat. <i>virare</i> , que se supõe resultar do cruzamento de <i>gyrare</i> 'girar' com <i>vibrare</i> 'vibrar' ou com <i>vertere</i> 'voltar,	Ergotopônimo	Composto

		girar'. 1813. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 679)		
Farol	LP	Farol: <i>sm.</i> Construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes; lanterna, candeeiro. Do cast. <i>Farol</i> , deriv. Do cat. Ant. <i>faró</i> e, este, do gr. <i>Pháros</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 286)	Ergotopônimo	Simple
Mangueiras	LP	Mangueiras: manga. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 406)	Fitotopônimo	Simple
Maracajá	Tupi	Maracajá: <i>sm.</i> Mamífero carnívoro da fam. Dos felídeos, espécie de gato-domato. Do tupi. <i>Maraka'ia</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 410).	Zootopônimo	Simple
Marahú	Tupi	Marahú: <i>mara u</i> 'pau preto' praia na ilha de Mosqueiro, na baía do Marajó, no município de Belém, no estado brasileiro Pará. (Symoes, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português)	Fitotopônimo	Simple
Murubira	Tupi	Registro da presença de nossos ancestrais morobiras, os pacíficos tupinambás que se dedicavam à pesca e ao moqueio. Na língua tupi, morobira significa “homem forte” ou “homem vigoroso”. (https://mosqueirando.blogspot.com/2022/05/praias-da-ilha-praia-do-murubira.html)	Animotopônimo	Simple
Natal do Murubira	LP	Natal: nascer. ((Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 446) Murubira: Registro da presença de nossos ancestrais morobiras, os pacíficos tupinambás que se dedicavam à pesca e ao moqueio. Na língua tupi, morobira significa “homem forte” ou “homem vigoroso”. (https://mosqueirando.blogspot.com/2022/05/praias-da-ilha-praia-do-murubira.html)	Etnotopônimo	Composto
Paraíso	LP	Paraíso: <i>sm.</i> Lugar de delícias, céu, éden. Do lat. <i>Paradisus -i</i> , deriv. Do gr. <i>Parádeisos</i> e, este, do persa <i>pairidaeza</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 476)	Animotopônimo	Simple
Porto Arthur	LP	Porto: <i>sm.</i> Lugar da costa ou em um rio, lagoa etc., que, por oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear e estabelecer contatos com a terra. Do lat. <i>Portus -us</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 513).	Antropotopônimo	Composto

		Arthur: Significa “pedra” ou “grande urso”. Arthur é um nome de origem incerta, que possivelmente surgiu da língua celta, a partir do termo artwa, que quer dizer literalmente “pedra”. (https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/arthur/).		
Praia Grande	LP	Praia: <i>sf.</i> Orla da terra, ordinariamente coberta de areia, confinando com o mar. Do lat. Tard. <i>Plagia</i> , derivado, provavelmente, do gr. <i>Plágia</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 515). Grande: - <i>adj.</i> 2g. Vasto, comprido, desmedido, numeroso. do lat. <i>grandis</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 322)	Dimensiotopônimo	Composto
São Francisco	LP	São: santo. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 580). Francisco: - Significa "francês livre", "aquele que vem da França", “homem livre”. O belo e imponente nome Francisco é um dos nomes masculinos mais populares em nosso país e em outros locais da América Latina. (https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/francisco/).	Hagiotopônimo	Composto
Sucurijuquara	Tupi	Sucuriju: <i>Oh! Sucuri</i> - subs. Elusiva cobra gigante descrita como uma sub espécie de sucuri [...] (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português) Quara: buraco, vazio, refúgio, espaço dentro de qualquer vasilha (<i>kwara</i>). (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português)	Zootopônimo	Composto
Vila	LP	Vila: <i>sf.</i> Povoação, cidade. Do lat. <i>Villa</i> (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 677)	Poliotopônimo	Simple

Quadro 7 – DAOUT - Distrito administrativo de Outeiro

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Água Boa	LP	Água: <i>sf.</i> Líquido incolor, inodoro e	Hidrotopônimo	Composto

		insípido, essencial à vida. Do lat. <i>Aqua</i> . (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p.19). Boa: bom. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 93).		
Brasília	LP	Brasília: Significa “natural do Brasil”, brasileira”, “aquela que provém de terras brasileiras”. (https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/brasilia/#:~:text=Bras%C3%ADlia%3A%20Significa%20%E2%80%9Cnatural%20do%20Brasil,que%20prov%C3%A9m%20de%20terras%20brasileiras%E2%80%9D .)	Corotopônimo	Simples
Itaitéua	Tupi	Ita: subst. Pedra, ferro, metal. (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português) Teua: sufixo. Exprime a ideia de muito (<i>deua</i>). (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português)	Litotopônimo	Composto
São João do Outeiro	LP	São: santo. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 580) João: Significa “Deus é cheio de graça”, “agraciado por Deus” ou “a graça e misericórdia de Deus” e “Deus perdoa”. (https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/joao/) Outeiro: pequena elevação de terreno; colina, monte; festa em pátio de convento. (https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-6/html/index.php)	Hagiotopônimo	Composto

Quadro 8 – DASAC - Distrito administrativo da Sacramentoa

Topônimo	Língua de origem	Etimologia	Taxionomia	Estrutura
Barreiro	LP	Barreiro: Barro (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 82)	Litotopônimo	Simples

Fátima	LP	Significa “jovem”, “donzela”, “cativante”, “mulher que desmama seus filhos”, “mulher que realizou seus filhos no caminho do conhecimento divino”. (https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/fatima/#:~:text=F%C3%A1tima%3A%20Significa%20%E2%80%9Cjovem%E2%80%9D%2C,significados%20belos%20associados%20a%20ele.)	Antropotopônimo	Simple
Maracangalha	Tupi	Maracangalha: [<i>mara</i> 'mancha' <i>acanga</i> 'cabeça' <i>ayra</i> 'pequenininho'] subst. - Pequeno macaco com uma mancha na cabeça que vive nas matas em redor do aeroporto Val-de-Cans em Belém, no Pará, sendo essas matas conhecidas como Maracangalha. (SYMOES, Carlos, O Tupi de Belém, Dicionário Tupinambá-português)	Zootopônimo	Simple
Miramar	LP	Miramar: De mira mar, 'local de onde se vê o mar'. (https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Miramar#:~:text=De%20mira%20mar%2C%20local%20de,onde%20se%20v%C3%AA%20o%20mar .)	Hidrotopônimo	Simple
Pedreira	LP	Pedreira: De pedra, 'local de onde se extrai pedra'. É comum em Portugal e na Galiza, assim como os seus derivados Pedreiras, Pedreiro e Pedreiros; no nosso País encontra-se também o derivado Pedreirinha. (https://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/Pedreira)	Litotopônimo	Simple
Sacramenta	LP	Sacramenta: Uma das hipóteses de Guilherme Pimenta é que o primeiro morador do bairro se chamava João Sacramento. Outra é que a área do bairro era usada como cemitério de animais que não serviam mais para o transporte. Quando os animais morriam, eram "sacramentados" naquele terreno. A terceira hipótese é de que havia, próximo à baía do Guajará, a "Rampa da Sacramenta", segundo o escritor Ernesto Cruz. (https://www.oliberal.com/belem/sacramenta-hist%C3%B3ria-de-luta-pela-moradia-1.162791) / Sacramenta vem do verbo sacramentar. O mesmo que: sagra, unge. Administrar os sacramentos a; dar comunhão ou extrema-unção a.	Animotopônimo	Simple

		(https://www.dicio.com.br/sacramenta/#:~:text=Significado%20de%20Sacramenta,mesmo%20que%3A%20sagra%2C%20u nge.)		
Telégrafo	LP	Telégrafo: 1813. do fr. <i>Télégraphe</i> , voc. Criado por Miot no final do séc. XVIII. (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4 ed., 2010, p. 627)	Ergotopônimo	Simple

3.2. Análise dos dados

Este estudo está voltado à toponímia dos bairros da cidade de Belém-PA, mais especificamente aos 72 topônimos de acidentes humanos relacionados ao aspecto histórico e sociocultural dessa cidade. Ao organizar um *corpus* para um estudo toponímico, os nomes de lugares podem ser examinados a partir de várias perspectivas. Neste estudo em particular, a pesquisa concentrou-se na análise da causa denominativa e etimologia, na classificação toponímica e na língua de origem.

A fim de classificar os topônimos, foi necessário compreender a etimologia de cada denominação. Alguns desses nomes não se encontravam registrados nos dicionários etimológicos convencionais, o que nos levou a realizar pesquisas em jornais e recursos disponíveis *online*. Assim, para conduzir esta análise, optou-se por adotar o modelo taxonômico delineado por Dick (1992, p. 31-34).

Os gráficos a seguir proporcionam uma compreensão mais dinâmica da pesquisa.

Gráfico 1: Taxionomias de natureza física



As categorias de natureza física referem-se a denominações relacionadas ao ambiente circundante, ou seja, os fatores ambientais que moldaram aquele espaço. Isso pode incluir a abundância de uma fruta específica, a presença de um animal característico da região ou até mesmo a presença de um rio que fluía ou flui pelo local. Conforme observado por Dick (1992, p. 25), a atribuição de nomes é influenciada por fatores externos ou subjetivos, o que resulta na diversidade de origens dos topônimos.

No Gráfico 1 estão representados todos os topônimos analisados de natureza física. Nota-se que aqueles que abarcam a maior porcentagem são os topônimos relacionados à vegetação (Fitotopônimos), evidenciando que 24% dos topônimos nessa categoria têm sua origem em nomes de plantas. Um exemplo disso é o nome **Umarizal**, que deriva do fruto **Umari**. Isso sugere que na época da denominação do bairro a região possuía uma abundância dessas árvores frutíferas, o que motivou a escolha desse nome para o bairro.

Logo em seguida, observam-se os topônimos relacionados a animais (Zootopônimos), que representam 19% das denominações nessa categoria. Um exemplo notável é **Maracangalha**, que se refere a um pequeno macaco com uma mancha na cabeça. A escolha desse nome pode ter sido influenciada pela presença desse primata nas matas ao redor do Aeroporto Val-de-Cans, em Belém-PA, cujas matas são conhecidas como Maracangalha.

Compondo 16%, encontram-se aqueles relacionados à água (hidrotopônimos), ou seja, aqueles que fazem referência à presença de rios, córregos ou outros elementos hidrográficos na região. Um exemplo ilustrativo é o nome **Aurá**, que se refere a um rio no Maranhão. Embora este topônimo não tenha um significado explícito, sabe-se que sua origem remonta à língua tupi. Também compondo 16% há os litotopônimos, relacionados à índole mineral e à constituição do solo, incluindo termos como terra, barro, pedra, entre outros.

Em seguida, com uma representação de 8%, listam-se os geomorfotopônimos e cromotopônimos. Os primeiros estão ligados às características topográficas, tais como, campo, restinga ou vale, enquanto os últimos se referem a denominações que remetem a cores. Na sequência, com uma representação de 6%, classificam-se os dimensiotopônimos, que são topônimos associados a dimensões, como extensão, comprimento, largura, espessura, altura e profundidade. Além disso, com uma proporção de 3%, estão os astrotopônimos, que fazem referência a corpos celestes.

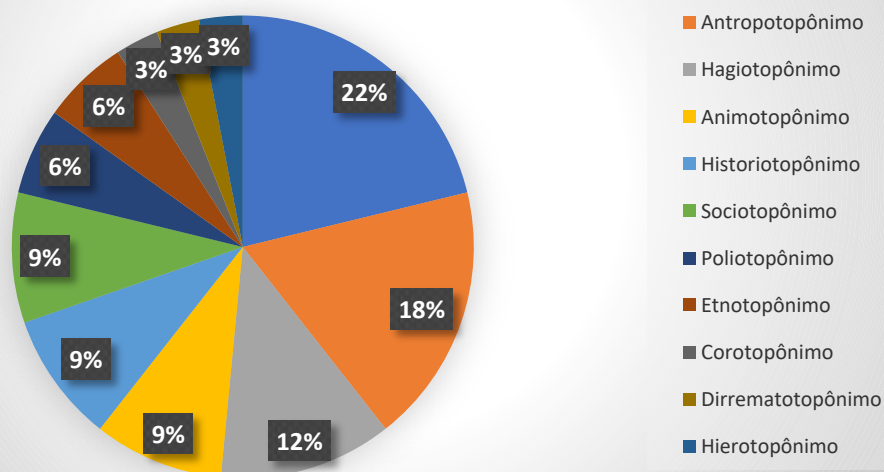
A partir do que foi exposto, é evidente que as categorias mais proeminentes nesse contexto estão relacionadas à flora, à fauna e à hidrosfera, nessa ordem. Isso ilustra a proximidade da sociedade com a natureza e ressalta, de acordo com a teoria de Sapir (1969), a ligação intrínseca entre o objeto denominado e o denominador. Os dados apresentados

oferecem uma visão abrangente da distribuição dos topônimos de natureza física em uma determinada região, destacando diferentes categorias e suas respectivas representações percentuais.

Em resumo, a análise detalhada dessas categorias revela a riqueza e diversidade de influências que moldam a nomenclatura local, sobressaindo a interconexão entre o ambiente físico, a flora e a cultura na construção da identidade local. Esses dados evidenciam a profunda ligação entre o ambiente geográfico e a cultura humana.

Gráfico 2: Taxionomias de natureza antropocultural

TAXIONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL



As categorias de natureza antropocultural abrangem designações que estão profundamente entrelaçadas com a cultura humana, seja por meio da sua criação, influência ou repercussão na configuração de características ou eventos específicos. Esse âmbito engloba elementos da cultura material, bem como nomes próprios ou relativos à religião, que desempenham papéis significativos nessa interconexão com a cultura humana.

Nessa divisão, cerca de 22% das denominações são conhecidas como ergotopônimos, os quais estão intimamente associados à cultura material do homem. Isso se refere ao conjunto de objetos, artefatos, ferramentas e tecnologias que foram criados e utilizados ao longo da história pelas sociedades humanas. Um exemplo notável é o topônimo **Marco**, que representa

uma espécie de marco geográfico. No contexto em tela, ele está diretamente relacionado à instalação do Marco que indica a posse da primeira légua patrimonial de Belém.

Dentre as categorias de denominações, 16% são classificadas como antropotopônimos, isto é, se referem a nomes próprios individuais. Um exemplo dessa categoria é o nome **Batista Campos**. E os 13% são de hagiotopônimos referentes aos santos e santas do hagiologioromano - relacionados a santos e figuras sagradas da Igreja Católica Romana - como o nome **São Brás**.

Entre os topônimos de natureza antropocultural, três categorias emergem como as mais predominantes. Logo a seguir, com uma representação de 10%, encontram-se as taxes dos animotopônimos que englobam elementos relacionados à vida psíquica e cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano.

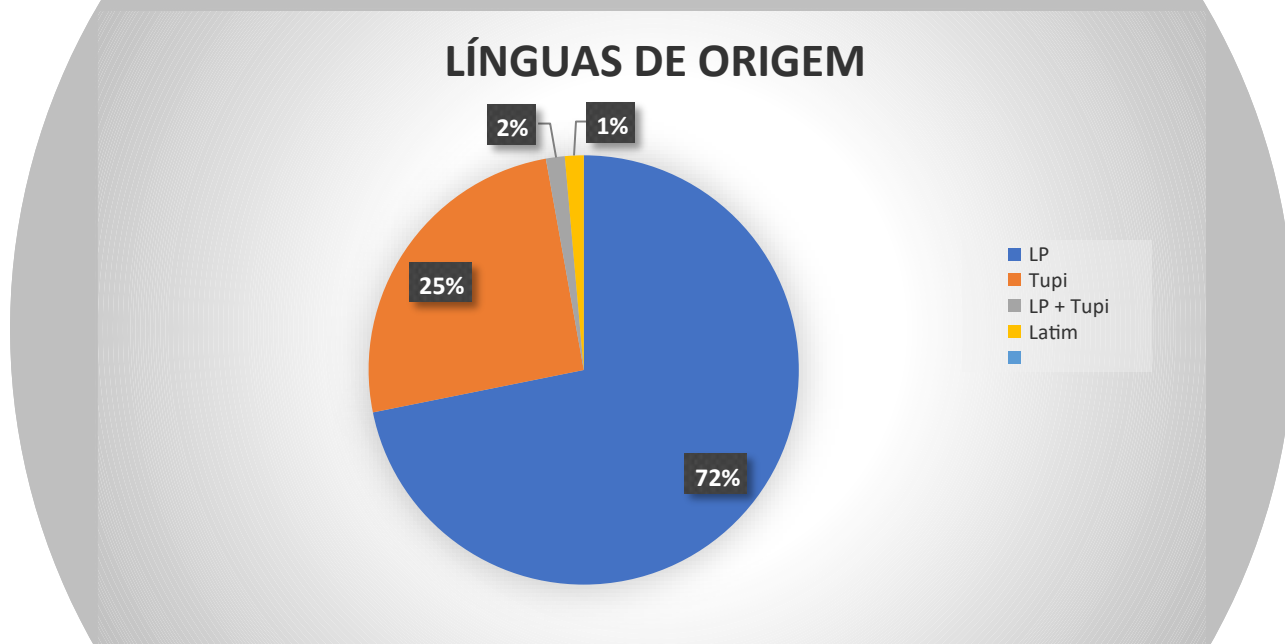
Com 9% estão representados os historiotopônimos e sociotopônimos. Respectivamente, os historiotopônimos estão relacionados a eventos históricos ou personalidades históricas, bem como as datas correspondentes a esses acontecimentos. Já os sociotopônimos, com a mesma porcentagem, é associada a atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.

Com relação aos 6% atribuídos aos poliotopônimos e etnotopônimos, aquele compreende nomes que incluem termos como "vila," "aldeia," "cidade," "povoação," e "arraial." Este corresponde a grupos étnicos, povos, tribos e castas. Por outro lado, os três últimos, com uma representação de 3% cada, se dividem em corotopônimos (que se referem aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes), dirrematopônimos (que se caracterizam por serem constituídos por frases ou enunciados linguísticos) e hierotopônimos (associados aos nomes sagrados de diferentes crenças).

Com base no que foi apresentado, fica claro que as categorias mais destacadas neste contexto estão relacionadas à cultura material, nomes próprios individuais e santos e figuras sagradas, seguindo essa sequência. Isso demonstra a estreita ligação da sociedade com sua cultura, com sua identidade individual e com a espiritualidade divina.

As taxonomias de natureza antropocultural destacam a importância e a interconexão dessas designações com a cultura humana. Em resumo, a análise dos dados ressalta a diversidade e a riqueza da cultura humana, evidenciando como as designações estão profundamente entrelaçadas com a identidade individual, a cultura material e espiritualidade. Resulta daí a importância de se compreender a linguagem como uma expressão intrínseca da complexidade e da profundidade da experiência humana.

Gráfico 3: língua de origem



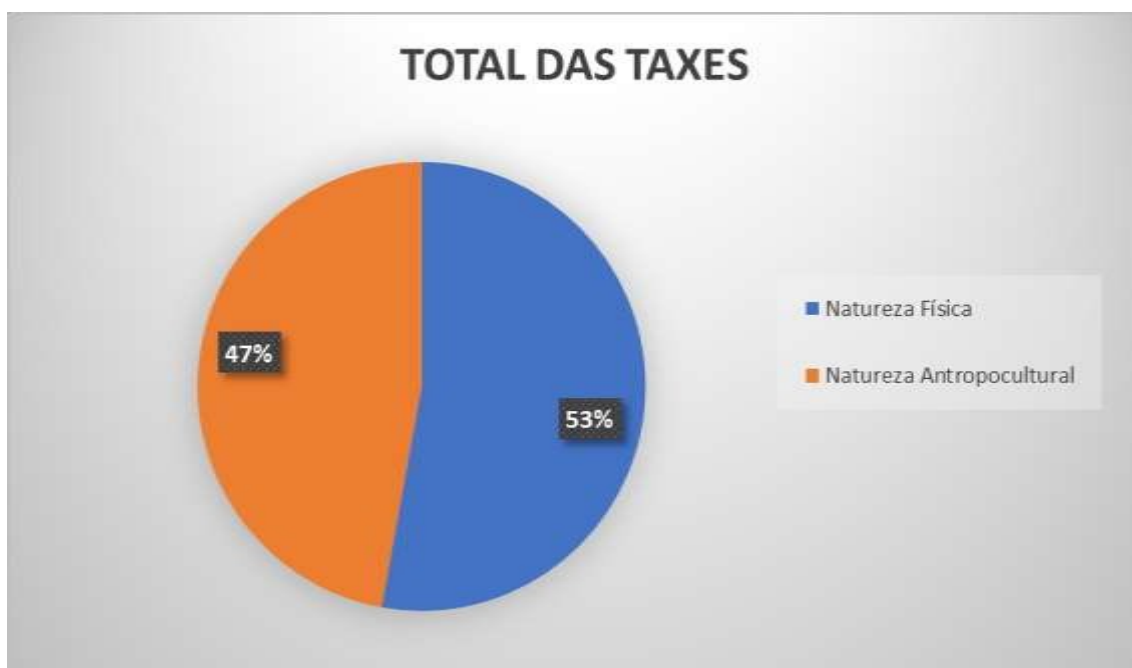
O gráfico 3 permite demonstrar que a língua de origem predominante nos topônimos estudados é a Língua Portuguesa (LP), com 72% indicando que a língua do colonizador se sobressai em relação a língua do colonizado, entretanto, 25% de topônimos são de origem Tupi, sugerindo que a língua do povo que foi colonizado ainda é visível na região, apesar de, talvez, muitos não reconhecerem a qual língua de origem pertence aquele nome.

Destaca-se, como exemplo, o topônimo **Campina de Icoaraci**, no qual 2% englobam ambas as línguas, ou seja, o Português (representado por *Campina*, que denota 'campo') e o Tupi (representado por *Icoaraci*, derivado de *ara-sy*, que significa um nome próprio feminino e se traduz como 'estrela d'alva'). Além disso, há uma influência de 1% do Latim em um topônimo que apresenta duas variantes. A versão oficial, divulgada pelo site da prefeitura de Belém, é **Val-de-Cães**, enquanto nas ruas do bairro é comum encontrar a variante **Val-de-Cans**.

As duas possíveis versões da origem do bairro começam no século XVII. O nome *Val* (vale) indica a geografia do local, enquanto *Cans*, do Latim *canus*, denota envelhecimento, segundo o historiador e coordenador do curso de História da Unama Diego Pereira. Conforme o site oficial da prefeitura, a versão que contém o nome *Cães* tem esse nome pelo motivo de anteriormente existirem áreas militares onde se realizavam treinamentos de cães, sendo assim, a região ficou conhecida como Vale dos Cães ou Val-de-Cães. A elite que mora no local moldou a história e considerou menos esquisito morar no vale dos idosos do que morar no vale dos cães.

Nesse contexto, a Toponímia não é apenas uma coleção de nomes geográficos; é um espelho da complexidade da história, da cultura e das relações de poder que permeiam o território. Assim, ao decifrar esses nomes, desvenda-se não apenas a geografia física, mas também a geografia cultural e social que dá forma à identidade local, proporcionando uma verdadeira viagem pela riqueza linguística e histórica da região.

Gráfico 4: total das taxes



Com base nas informações fornecidas sobre o gráfico total das taxes, observa-se que há duas categorias principais de natureza: a física, com 53%, e a antropocultural, com 47%. Esse percentual sugere uma diferenciação nas contribuições dessas duas dimensões para o total das taxionomias presentes no estudo.

A categoria de Natureza Física, composta de 37 topônimos, pode indicar uma ênfase significativa em fatores naturais e físicos. Isso pode abranger elementos como clima, relevo, recursos naturais e outros aspectos do ambiente físico. A pontuação mais alta nessa categoria pode refletir a influência preponderante desses fatores no contexto em questão.

Além disso, é importante notar que os topônimos dessa categoria são os topônimos denominados pelo ambiente físico, seja uma planta em abundância, um rio que estava ou ainda está no local ou até o nome de um animal. Essa adição enriquece a compreensão da relação entre os topônimos e os elementos naturais que contribuem para a formação do contexto geográfico e cultural.

Por outro lado, a categoria de Natureza Antropocultural, com 33 topônimos, sugere que fatores relacionados às atividades humanas e à cultura também desempenham um papel relevante. Isso pode incluir elementos, como, práticas culturais, atividades econômicas, impactos humanos no ambiente e desenvolvimentos socioculturais. É importante observar que os topônimos dessa categoria são denominados pela história, sociedade e/ou fé de uma determinada região. Esses nomes estão intrinsecamente ligados às narrativas culturais e históricas, proporcionando uma visão abrangente da interação entre a humanidade e o ambiente ao longo do tempo.

Em suma, o gráfico 4 revela a interconexão complexa entre os aspectos físicos e antropoculturais dos topônimos que, permeados por narrativas culturais e históricas, oferecem uma perspectiva abrangente da evolução da interação entre a humanidade e o ambiente ao longo do tempo, adicionando uma dimensão enriquecedora à compreensão do estudo.

3.3. Histórico dos bairros

Distrito Administrativo de Belém

Este distrito administrativo é composto por oito bairros, incluindo a região norte do bairro Cremação. Ele é reconhecido como o centro da cidade devido à predominância de bairros de classe média alta, destacando-se como uma área altamente valorizada, repleta de serviços como restaurantes, supermercados, farmácias, hospitais, faculdades, dentre outros. Além disso, o distrito abriga o centro histórico da cidade, caracterizado por edifícios e monumentos que refletem o processo inicial de formação da localidade.

Cidade Velha

Como mencionado anteriormente, a cidade de Belém teve seu início no que se conhece hoje como o bairro da Cidade Velha, chamada inicialmente de bairro da Sé. Às margens do rio Guajará foi erguida a primeira estrutura, o Forte do Presépio, em 1616. Essa construção foi realizada após a conquista pelo capitão-mor Francisco Caldeira Castelo Branco, que anteriormente havia servido para proteger a nova terra dos ataques indígenas, corsários franceses e holandeses. Dessa forma, surgiu o bairro Cidade, nome ao qual mais tarde seria acrescentado Velha, permanecendo assim até os dias atuais.

O bairro da Cidade Velha não só representa uma área de significado histórico e religioso, mas também reflete fortemente a influência portuguesa em seus imponentes casarões antigos. Além disso, abriga algumas das igrejas mais antigas da cidade, como, por

exemplo, a Catedral Metropolitana de Belém, conhecida como Catedral da Sé, a Igreja de Santo Alexandre, a Igreja Nossa Senhora do Carmo e a Igreja São João Batista.

A Cidade Velha é um bairro comercial, abarcando tanto o comércio formal quanto o informal. O turismo desempenha um papel crucial, impulsionando uma variedade de serviços que capitalizam a rica herança cultural e histórica da área. Além disso, encontram-se indústrias, feiras, mercados, órgãos governamentais, portos e uma eficiente rede de transporte público, consolidando sua posição como um centro vital e multifacetado.

Explorar as ruas do bairro mais antigo da capital paraense é mergulhar em uma jornada através da história, cultura e tradições locais. A Cidade Velha não apenas nos transporta para os primórdios de Belém, mas também nos permite testemunhar a influência marcante da arquitetura colonial e da devoção religiosa que moldaram sua identidade. As imponentes igrejas e casarões antigos são testemunhas silenciosas de séculos de história, enquanto as ruas de paralelepípedos ecoam os passos de gerações passadas. Assim, ao caminhar por esse cenário histórico, somos lembrados da importância de preservar e celebrar nossa herança cultural, enriquecendo assim o presente com as lições do passado.

Campina

A origem do bairro Campina, em Belém-PA, remonta aos primórdios da colonização; foi o segundo bairro após o Cidade Velha. Inicialmente, a área era composta pelo igarapé do Piry, um pântano alagado e praticamente desprovido de árvores. Para viabilizar as construções na região, foram necessários diversos aterros até que o solo se tornasse estável. Essa é uma das razões para os traçados sinuosos, irregulares e cheios de desníveis que caracterizam o bairro.

Ao longo do tempo, o bairro adquiriu uma identidade comercial, cultural e turística, sendo informalmente conhecida como "Bairro do Comércio". O nome Campina deriva da geografia original da área, enquanto o termo "Comércio" foi denominado pelos moradores, entretanto, o bairro nunca foi oficialmente renomeado.

A Campina é o segundo bairro mais antigo da cidade e abriga parte de seu centro histórico. Foi também cenário da Cabanagem, a maior revolução popular da região, que resultou na ascensão do povo ao poder. Atualmente, é marcado por casarões antigos, ruas estreitas e pavimentação em pedras, com muitos imóveis históricos em estado precário. Sua importância histórica é reconhecida, sendo tombado pelo IPHAN para preservação. A Campina é reconhecida por sua arquitetura peculiar e pelo papel fundamental que desempenhou ao longo da história da cidade.

Em suma, o bairro emerge como um importante capítulo na história de Belém, testemunhando desde os primeiros passos da colonização até os movimentos revolucionários que moldaram a região. Seus casarões históricos e ruas pitorescas contam histórias de tempos passados e refletem a riqueza cultural e étnica da cidade. Apesar dos desafios enfrentados, como o abandono, o bairro da Campina permanece como um tesouro arquitetônico e cultural, preservando sua identidade única. Como guardião do patrimônio histórico de Belém, sua importância transcende o tempo, continuando a inspirar e encantar aqueles que se aventuram por suas ruas em busca de uma conexão com o passado e uma compreensão mais profunda da história da cidade.

Reduto

As origens do nome do bairro remontam ao Reduto de São José, construído em 1771, um Forte militar construído com o propósito de proteger a colônia e estrategicamente localizado para monitorar o litoral próximo à entrada da cidade. Com o passar dos anos, o reduto foi integrado a outras estruturas defensivas e, em 1832, a área foi reconfigurada para dar lugar a uma praça e abrir ruas. A região, que originalmente era uma baixada com terreno irregular, serviu como campo de instrução militar.

Além de sua história militar, o Reduto é caracterizado por suas ruas tranquilas e preservadas, sendo uma região central e histórica. No bairro, ainda se encontram as vilas operárias Áurea e Nossa Senhora de Fátima que são notáveis pela beleza de sua arquitetura simples. Geograficamente, o bairro faz fronteira ao Norte com Umarizal, ao Sul com Campina, ao Leste com Nazaré e a Oeste com a Baía de Guajará.

Esse bairro, com sua rica história militar e sua importância no desenvolvimento econômico da cidade, continua a ser um ponto de referência tanto para os moradores locais quanto para os visitantes. Apesar dos desafios contemporâneos que enfrenta, o Reduto permanece como um testemunho vivo do passado de Belém e um símbolo da resiliência e da capacidade de adaptação de suas comunidades. Sua mistura de patrimônio histórico e vida moderna é uma representação vívida da alma multifacetada dessa cidade amazônica.

Umarizal

O bairro do Umarizal tem seu nome atribuído aos elementos naturais, particularmente à abundância de árvores de umari. Esta fruta de casca fina e coloração amarelo-alaranjada empresta sua designação ao local devido a grande quantidade de umaris que existem na época.

Inicialmente, o bairro se erguia sobre um terreno alagadiço, no qual os manguezais, o capim e os umaris proliferavam.

Essa paisagem contrasta fortemente com o cenário atual, pois, no século XVI, durante o início da ocupação do bairro, a área era desprovida de residências opulentas ou comércio moderno. Sua transformação teve seu marco inicial na década de 1880, impulsionada pelo Intendente José da Gama Malcher. Este visionário empreendeu esforços para modificar a paisagem e o perfil socioeconômico da região. Antes reconhecido por abrigar, predominantemente, pessoas de baixa renda, o Umarizal hoje figura como um dos bairros mais prestigiados de Belém. Sua ascensão é marcada por uma oferta diversificada de serviços e estabelecimentos, refletindo uma mudança significativa em seu panorama social e econômico.

A evolução do bairro Umarizal, desde suas origens ligadas à natureza até sua atual posição como um dos mais valorizados da cidade, é testemunho da capacidade de transformação urbana e social. O bairro se destaca não apenas como um centro de comércio e serviços, mas também como um símbolo de resiliência e progresso.

Batista Campos

O nome do bairro é uma homenagem ao padre, jornalista e advogado José Batista Gonçalves Campos, figura de destaque na vida política do estado e um dos inspiradores da Cabanagem. Sua influência e contribuição para a história da região foram tão significativas que o bairro foi nomeado em sua honra.

Além disso, a praça Batista Campos, central no bairro, inicialmente conhecida como Salvaterra em referência à proprietária do terreno, é um espaço vital e dinâmico, frequentado não apenas pelos moradores locais, mas também por indivíduos de outras áreas da cidade. Como um ponto de encontro cultural e social, a praça e o próprio bairro são testemunhos da importância histórica e da vitalidade da comunidade paraense.

Em suma, a origem e o significado do nome do bairro ressaltam não apenas a relevância histórica do homenageado, mas também a vitalidade e o papel central que o espaço desempenha na vida dos moradores e visitantes da cidade. A praça Batista Campos é mais do que um simples local geográfico; é um símbolo de conexão, cultura e identidade para a comunidade paraense.

Nazaré

No ano de 1700, um pescador, conhecido como Plácido, fez uma descoberta singular às margens do igarapé Murucutu: a imagem da Virgem de Nazaré. Embora Plácido tenha tentado levá-la para sua casa diversas vezes, surpreendentemente, no dia seguinte, a imagem sempre retornava ao local onde foi encontrada. Foi somente após essa repetida manifestação que o pescador compreendeu a importância da imagem e decidiu erguer uma ermida para abrigá-la. A construção dessa ermida marcou o início da devoção à Virgem de Nazaré na região. Posteriormente, essa devoção se expandiu, levando à construção da igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que hoje se tornou a imponente Basílica Santuário de Nazaré.

Desde os primeiros dias após o achado da imagem até a construção da ermida, os locais próximos foram batizados com o nome de Nazaré, em homenagem à santa. Essa reverência se estendeu ao longo dos anos, culminando na formação de uma comunidade dedicada à fé e à devoção à Virgem de Nazaré. A estrada que antes era apenas conhecida como Nazaré, hoje se transformou na avenida Nazaré. O antigo Cinema Nazaré, que ficava ao lado do Cine Ópera, e o Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré são testemunhas dessa herança cultural e espiritual. Assim, o bairro tornou-se um símbolo vivo da devoção e da história da região. Em suma, a trajetória desde o encontro da imagem até a consolidação da devoção a Nossa Senhora de Nazaré é um testemunho da fé e da devoção que continuam a inspirar gerações até os dias de hoje.

São Brás

O bairro de São Brás tem suas raízes no início do século XX, sendo batizado em homenagem a um santo venerado por sua capacidade de auxiliar aqueles afligidos por doenças na garganta. A devoção do paraense a esse santo se manifestava grandiosamente em procissões que partiam da igreja das Mercês em direção à de Nazaré. Inicialmente, o bairro que ganhou notoriedade ao longo dos anos, mantendo-se como um epicentro histórico e cultural na cidade de Belém, foi denominado como Largo de São Brás.

Mesmo diante do declínio da era da borracha, a cidade continuou a prosperar e São Brás tornou-se um atrativo para famílias abastadas em busca de espaço e conforto a preços acessíveis. A conexão intrínseca do bairro com o comércio e o transporte se solidificou com a expansão da estrada de ferro Belém-Bragança, dando origem ao Mercado de São Brás onde, atualmente, funciona o Terminal Rodoviário de Belém.

O patrimônio histórico de São Brás é marcado por centenas de casarões antigos erguidos no auge da produção de borracha no século XX. Contudo, o processo de

modernização resultou na perda e alteração de muitos desses imponentes edifícios. Resquícios dessa arquitetura centenária ainda podem ser admirados em lugares emblemáticos como o Colégio Pequeno Príncipe, o Teatro São Cristovão e o Palacete Passarinho.

Além dos casarões, em São Brás estão localizados três teatros notáveis: o Teatro Estação Gasômetro, o mais prestigiado e um importante centro cultural em Belém; o Teatro do Museu Emílio Goeldi, situado no parque botânico homônimo e; o Teatro São Cristóvão, fundado na década de 1930, em estilo *art déco*, o qual, infelizmente, encontra-se em estado precário de conservação. Adicionalmente, o bairro abriga museus, como, o Museu Emílio Goeldi, um ponto central de preservação histórica, e o Memorial Magalhães Barata, que expõe objetos utilizados pelo ex-governador do Pará.

Em síntese, São Brás permanece como um tesouro histórico e cultural, com sua arquitetura centenária e espaços culturais, embora tenha enfrentado desafios de preservação e modernização. O bairro é um testemunho vivo da evolução da cidade de Belém, preservando sua identidade enquanto se adapta às demandas contemporâneas.

Marco

O bairro do Marco, inicialmente denominado Marco da Légua, é uma localidade cuja história está ligada à evolução da Avenida Almirante Barroso. A nomenclatura do bairro é derivada do monumento do Marco da Légua, erigido em seu território com o intuito de demarcar a posse da primeira légua patrimonial de Belém, representando o término da extensão da propriedade da terra concedida pela vontade régia à Câmara Municipal de Belém, em 1627. Naquela época, um marco de madeira foi erguido na Estrada Real em direção ao Utinga, posteriormente denominada Estrada de Bragança devido à ferrovia Belém-Bragança, inaugurada em 1884 e, atualmente, conhecida como Avenida Almirante Barroso. O marco original, feito de madeira, ostentava a inscrição "Rey", refletindo a reverência obrigatória ao rei de Portugal durante o período colonial, então ocupado por Felipe III.

O primeiro Marco da Légua deteriorou-se ao longo do tempo, sendo substituído por outro, construído e inaugurado em 1928, em comemoração ao tricentenário da carta de sesmaria, de 31 de agosto de 1627, e encontra-se no canteiro central da Avenida Almirante Barroso, próximo à Avenida Dr. Freitas.

Distrito Administrativo do Guamá

Esse distrito abrange seis bairros e parte do Distrito Administrativo de Belém (Dabel) cuja parcela significativa da população pertence à classe de baixa renda. O local é

caracterizado por ocupações rápidas e desordenadas, além de ruas com traçados irregulares. Nesse distrito encontram-se alguns dos bairros mais afetados pela violência na cidade, como, Guamá, Terra Firme e Jurunas.

A região tem sido alvo de intervenções municipais, especialmente, em sua orla, por meio do Projeto Portal da Amazônia, que busca realizar mudanças significativas na ocupação ao longo das margens. Vale ressaltar que o Norte da Cremação, o Oeste de Canudos, o Noroeste do Jurunas e o Extremo Norte do Guamá assemelham-se mais ao DABEL (Centro de Belém), não sendo propensos a alagamentos constantes e, conseqüentemente, abrigando moradias de classes mais abastadas em comparação com o restante do distrito.

Canudos

O nome Canudos é uma homenagem à Guerra de Canudos, um conflito que ocorreu no sertão da Bahia entre 1896 e 1897, entre o exército brasileiro e os seguidores de Antônio Conselheiro. A escolha do nome para o bairro não é arbitrária, pois durante o conflito, a força policial do Pará desempenhou um papel significativo na campanha de Canudos contra o movimento liderado por Antônio Conselheiro. Os paraenses contribuíram decisivamente para a derrota do arraial de Canudos.

As reverências a esse momento histórico estão presentes no hino da Polícia Militar do Pará e no próprio nome do bairro. É importante destacar que, apesar de nacionalmente a Guerra de Canudos ser considerada um crime cometido pela República, as homenagens no hino e no nome do bairro perpetuam a memória da participação significativa dos paraenses naquele conflito.

Condor

O nome do bairro Condor está intrinsecamente ligado à Sindicato Condor, uma empresa aérea alemã que operava um aeroporto na atual praça Princesa Isabel. A chegada da empresa às terras paraenses ocorreu em 1936, oferecendo à elite local voos de Belém ao Rio de Janeiro em apenas um dia e meio, e para a Europa em três dias. A notícia desses voos revolucionários solidificou a reputação da empresa, sendo, portanto, homenageada com a denominação do bairro.

Devido à sua proximidade com o rio, a economia do bairro é fundamentada nos produtos trazidos pelos ribeirinhos. A região abriga pequenas feiras e conta com um dos portos mais tradicionais de Belém, o Porto da Palha. No entanto, apesar de sua importância

histórica, o bairro apresenta evidentes sinais de abandono, o que contrasta com o legado da Sindicato Condor e a vitalidade econômica que um dia o caracterizou.

Cremação

O estado do Pará foi influenciado pelo ciclo da borracha, especialmente, durante a Belle Époque, uma época em que se buscava transformar os estados do Norte, como Amazonas e Pará, em regiões com características europeias. Durante esse período, houve um considerável aumento na circulação de pessoas na capital, resultando no acúmulo de lixo pela cidade.

Antônio Lemos, então Intendente de Belém, demonstrou grande preocupação com a problemática do saneamento. Para abordar essa questão ele concebeu não apenas a implementação de uma rede de esgoto, calçamento e arborização na cidade, mas também, idealizou um forno crematório que se tornou o mais moderno da América Latina. Em 1901, Lemos tomou a decisão de construir a Usina de Cremação de Lixo de Belém, localizada em uma área desabitada da cidade à época. A usina queimava cerca de 80 toneladas de lixo por dia e, com sua instalação, o bairro passou a ser conhecido como Cremação.

Embora a usina tenha sido desativada em 1980, sua presença ainda é uma referência importante para os moradores do bairro. O legado de Antônio Lemos e sua visão pioneira para melhorar a infraestrutura e higiene urbana permanece como parte integrante da história local.

Guamá

O nome do bairro está intrinsecamente ligado ao rio Guamá, que banha a região; contudo, sua história é permeada por tragédias. O espaço que hoje configura o bairro do Guamá teve seu início como um refúgio para os leprosos, indivíduos considerados amaldiçoados por toda uma sociedade. Este local abrigou hospitais destinados aos infectocontagiosos e cemitérios, estrategicamente construídos à beira do rio para manter tais enfermos afastados dos cidadãos saudáveis

Ao longo do século XIX, o bairro serviu como abrigo para escravos que contraíam lepra, sendo muitas vezes abandonados nas ruas pelos senhores escravistas. Dada a exclusão dos negros da rede de solidariedade destinada ao tratamento de enfermos brancos, esses indivíduos encontravam-se confinados e condenados ao isolamento.

Em 1905, Antônio Lemos empreendeu esforços para tornar o espaço mais confortável, visando evitar fugas dos doentes. No entanto, tal tentativa não foi capaz de apagar a fama do local, que permaneceu conhecido como a "sala de espera da morte". O afastamento geográfico do centro fez do bairro do Guamá o local ideal, segundo as autoridades da época, para abrigar

aqueles considerados indesejáveis pela sociedade. Essa história, marcada por exclusão e estigma, continua a reverberar nas memórias do bairro.

Jurunas

O nome do bairro presta homenagem à tribo indígena que compartilha o mesmo nome, refletindo não apenas na nomenclatura do bairro, mas também, nas ruas que permeiam o espaço, tais como Apinajés, Mundurucus, Timbiras, Pariquis e Tamoios.

Sua origem remonta ao período das primeiras expansões de Belém para além do seu centro comercial. A ocupação do espaço é ancestral, remontando ao século XVII, com a presença da população indígena, no entanto, foi a partir do século XVIII que o local foi efetivamente incorporado à expansão da cidade, marcando uma fase significativa de desenvolvimento e integração do bairro ao espaço urbano de Belém.

Montese (Terra Firme)

Esse bairro carrega consigo uma história de luta contínua por parte de seus moradores, desde sua origem até os dias atuais. Tudo começou com a ocupação de uma área anteriormente alagada pelo rio Tucunduba, onde os residentes da época construíram palafitas e pontes improvisadas para se locomover pelo local. Durante esse período, surgiu entre os moradores uma brincadeira de chamar o lugar de "Terra Firme" e, com o tempo, o local foi sendo aterrado, tornando a terra efetivamente firme.

No entanto, o nome oficial do bairro, designado pela prefeitura desde 1996, é Montese, em homenagem à participação de soldados brasileiros na Batalha de Montese, durante a Segunda Guerra Mundial, em 1945. Contrariamente, os moradores rejeitam esse nome e impõem sua preferência à prefeitura. Assim, o bairro é conhecido como Montese apenas para os não locais, pois para os moradores e os habitantes de Belém, o bairro continuará a ser chamado de Terra Firme.

Essa resistência é evidente até nos ônibus da cidade, que ainda exibem o nome Terra Firme, e nas buscas na Internet, nas quais o nome do bairro é encontrado com sua forma popular entre parênteses.

Distrito Administrativo da Sacramenta

Esse distrito compreende sete bairros e está localizado no Sudoeste de Belém. A maioria desses bairros está situada na microbacia hidrográfica do Una, sendo atravessada por diversos

afluentes da Baía de Guajará, uma região que também apresenta um alto índice de violência, especialmente, nos bairros do Barreiro e Sacramento.

Os bairros do Telégrafo, Sacramento, Pedreira e Fátima mostram um crescimento imobiliário e nos serviços comerciais ao longo das principais avenidas. Em contrapartida, o Barreiro e Maracangalha permanecem em uma situação marginalizada, com um comércio formal menos vigoroso e uma menor valorização do espaço.

Barreiro

Conforme informações disponíveis no site da prefeitura, o nome do bairro está associado à abundância de barro que era extraído naquela região. Todavia, de acordo com o estudo realizado pelos pesquisadores Azevedo, Barros, Dias e Oliveira, a razão para a grande quantidade de barro extraído está relacionada às práticas das construtoras, que exploravam a argila do solo local para a fabricação de telhas, tijolos e utilização na construção de imóveis. Segundo informações levantadas, o nome do bairro é atribuído, na realidade, à significativa presença de barro existente no canal São Joaquim.

O Barreiro enfrenta desafios sociais, incluindo a marginalização e a carência de infraestrutura, refletindo um cenário mais abrangente de negligência e esquecimento das periferias urbanas. Esses elementos históricos e sociais desempenham um papel fundamental na moldagem da identidade singular do bairro Barreiro em Belém.

Fátima

Inicialmente denominado Matinha, o bairro continha esse nome devido à extensa presença de matagal em sua localidade. Somente em um segundo momento é que recebeu a denominação de Fátima, em virtude da devoção a Nossa Senhora de Fátima. A construção do Santuário de Fátima desencadeou uma iniciativa liderada pelo padre Antônio Moraes Oliveira, que promoveu um abaixo-assinado visando a alteração do nome para Bairro de Fátima.

O bairro é reconhecido por sua tradicional procissão das velas em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, segundo maior evento religioso da cidade, ficando apenas atrás da grandiosa procissão do Círio de Nazaré.

Maracangalha

A história e a origem do nome do bairro Maracangalha são escassamente documentadas. Conforme dados fornecidos pela prefeitura, o nome está vinculado à antiga avenida

Maracangalha, atualmente, designada como avenida Júlio Cesar. Curiosamente, o nome do bairro persistiu mesmo após a alteração da nomenclatura da avenida.

No entanto, de acordo com o Dicionário Tupinambá-português, de Carlos Symoes, o termo "Maracangalha" faz referência a um pequeno macaco com uma mancha na cabeça. Logo, é possível dizer que a escolha desse nome para o local possa ter sido influenciada pela presença desse primata nas matas dos arredores ao Aeroporto Val-de-Cans.

Miramar

Por falta de outras fontes confiáveis, não foram obtidas muitas informações sobre o bairro. Entretanto, de acordo com o site da prefeitura, o bairro mantém seu nome devido ao complexo de usinas de luz, anteriormente conhecido como Pará Elétrica/Força e Luz, e ao porto de descarga de petróleo e derivados, chamado de Usina de Miramar.

Pedreira

O bairro da Pedreira, anteriormente denominado Pedreira do Guamá, teve início no local selecionado pelo general Francisco José de Souza Soares de Andreia para o desembarque das forças imperiais durante a repressão aos rebeldes da Cabanagem, uma revolta que ocorreu entre 1835 e 1840. Atualmente, o bairro é marcado pela presença de diversos estabelecimentos comerciais e residências, mas, em tempos passados, sua paisagem era dominada por pedras, o que deu origem ao seu nome.

Os bairros da Pedreira e do Marco foram concebidos como áreas de expansão para uma cidade do futuro, parte dos planos do Intendente Antônio Lemos para transformar Belém em uma metrópole com características europeias. Seu objetivo era fazer da cidade uma espécie de "Paris n'América". Por isso, essas localidades são caracterizadas por amplas vias, calçadas bem cuidadas e uma abundante arborização. Apesar das mudanças ao longo do tempo, as principais ruas da Pedreira e do Marco ainda conservam essa estrutura planejada por Lemos.

A Pedreira ficou conhecida na história de Belém como o bairro do samba e do amor, título conferido pela carnavalesca Eneida de Moraes, que via na região um polo de arte e cultura. Foi nesse bairro que o sambódromo Aldeia Cabana foi planejado, hoje rebatizado como Aldeia de Cultura Amazônica Davi Miguel. No entanto, o caráter carnavalesco que antes predominava na área foi se dissipando ao longo do tempo e, atualmente, não há grandes eventos que justifiquem a existência do sambódromo.

Em suma, o bairro da Pedreira representa parte da história e do desenvolvimento urbano de Belém. Desde suas origens ligadas aos eventos da Cabanagem até sua transformação

planejada pelo Intendente Antônio Lemos, a Pedreira testemunhou mudanças significativas ao longo do tempo. Embora tenha perdido parte de sua identidade carnavalesca, o bairro continua a ser um centro vibrante de comércio, residências e cultura, mantendo viva a memória de sua rica história enquanto se adapta às demandas da modernidade.

Sacramenta

O bairro da Sacramenta teve sua origem por volta do século XX e, segundo o historiador, professor e escritor Guilherme Pimenta, há três possíveis explicações para a origem de seu nome. A primeira teoria proposta pelo estudioso sugere que o bairro recebeu o nome do seu primeiro morador, João Sacramento, que, junto com sua esposa, foi pioneiro no desenvolvimento da região. O escritor afirma que João iniciou uma plantação de macaxeiras na área, o que levou, inicialmente, o bairro a ser conhecido como "bairro da Macaxeira".

A segunda versão apresentada por Pimenta sugere a existência de um cemitério de animais de grande porte na região, que seriam utilizados como meio de transporte. Quando esses animais faleciam, eram "sacramentados" no terreno, originando, assim, o nome Sacramenta. A terceira hipótese, divulgada pelo escritor Ernesto Cruz e difundida por Guilherme Pimenta e pelo site oficial da prefeitura de Belém, é que nas proximidades da baía do Guajará havia uma rampa conhecida como "rampa da Sacramenta".

Em conclusão, as diversas teorias sobre a origem do nome do bairro da Sacramenta oferecem uma visão fascinante da história e da identidade dessa comunidade. Seja derivando do nome de um pioneiro local, de práticas antigas relacionadas a animais ou de marcos geográficos importantes, essas narrativas refletem a riqueza e a complexidade das origens urbanas de Belém. Independente da explicação mais precisa, Sacramenta continua a ser um ponto crucial na história da cidade, enriquecendo sua paisagem cultural e social.

Telégrafo

O bairro Telégrafo deve sua denominação à presença de um telégrafo sem fio instalado na região. Curiosamente, sua primeira designação foi São João do Bruno, cuja origem permanece sem explicação para a maioria. O nome Telégrafo ganhou popularidade entre os habitantes locais após a instalação do equipamento, marcando um fato significativo no progresso da área urbana. Ao longo dos anos, a área que anteriormente abrigava o matadouro de Belém transformou-se em um animado centro comercial.

O bairro emergiu como uma extensão do Umarizal, originalmente uma região mais elitizada que, em suas origens, era periférica. Entretanto, com o advento da verticalização e o

consequente aumento dos custos de moradia, as classes mais privilegiadas começaram a afastar-se, empurrando as camadas mais desfavorecidas para áreas periféricas menos atrativas. Essa evolução moldou o bairro para sua configuração atual, refletindo as dinâmicas sociais e urbanas em constante transformação.

Distrito Administrativo do Entroncamento

O distrito administrativo do Entroncamento abrange nove bairros, situado na zona de expansão entre a avenida Augusto Montenegro e a BR-316. Embora em alguns desses bairros a população desfrute de um rendimento mensal mediano, também se observam casos de pobreza. A concentração mais significativa de áreas nobres é encontrada no bairro Val-de-Cans, em virtude de sua proximidade com o aeroporto.

Em relação à cobertura vegetal, este distrito ocupa o terceiro lugar, ficando atrás apenas dos distritos de Outeiro e Mosqueiro. É neste distrito que se encontram instituições de ensino renomadas, como a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Rural da Amazônia (UFRA) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais da Amazônia (INPE).

Águas Lindas

Existem poucos registros históricos sobre o bairro de Águas Lindas, sabe-se apenas que se localiza entre os municípios de Belém e Ananindeua, sendo que a porção que abrange o distrito é jurisdicionada pelo município de Belém. De acordo com informações disponíveis no site da prefeitura, o nome do bairro remete a uma antiga cacimba de águas cristalinas que havia na região. A área está situada nas proximidades do Parque do Utinga e do antigo lixão do Aurá e é um espaço que às margens do núcleo urbano central.

Aurá

O bairro situa-se entre os bairros Águas Lindas e Curió-Utinga, tendo recebido seu nome do rio Aurá, que banha a região, formando uma bacia que engloba os igarapés Santo Antônio e Cafezal, desaguando no rio Guamá. Assim como Águas Lindas, Aurá está dividido entre os municípios de Belém e Ananindeua. Esta área é marcada por vastas extensões de vegetação, sendo parte integrante do território do Instituto Embrapa. Sob a orientação deste instituto, a população local foi instruída a não desmatar a região nem praticar agricultura, optando por uma subsistência baseada, principalmente, no extrativismo de frutas e na pesca.

Anteriormente, o bairro abrigava o segundo maior lixão do Brasil, o lixão do Aurá, que foi encerrado em 2014, em conformidade com a Lei Federal 12.305 de 2010, a qual

estabelecia o fechamento de todos os lixões do país até agosto de 2014. Contudo, mesmo após o seu fechamento, o bairro ainda enfrenta problemas, como, incêndios, decorrentes do descarte clandestino de resíduos e devido a falhas no funcionamento do aterro sanitário de Marituba, inaugurado em 2015 como destino para o lixo da região.

Castanheira

O nome do bairro é uma homenagem a uma imponente castanheira que outrora se destacava como um marco na cidade. Localizado na entrada e saída da capital pela rodovia BR-316, esse bairro é marcado pela influência do renomado arquiteto Oscar Niemeyer, que projetou uma obra em homenagem aos revolucionários cabanos.

A região que deu origem ao nome do bairro e ao shopping local era conhecida como "curva da castanheira", em menção à árvore que servia como ponto de referência para os viajantes, podendo ser avistada por quem passava de trem pela Estrada de Ferro de Bragança. A árvore, pela sua grandiosidade, tornou-se famosa e ainda hoje alimenta o imaginário dos moradores. Conta-se uma história local que reforça o espaço em que a árvore estava: uma mulher teria sido fatalmente atingida na cabeça por um ouriço que caiu do vegetal enquanto ela aguardava um ônibus. Após o incidente, a árvore nunca mais produziu frutos, transformando-se em uma lenda que ecoa no folclore tanto do bairro quanto da cidade.

O bairro teve sua origem a partir do desmembramento de áreas dos bairros da Marambaia, Souza e do município de Ananindeua. Sua formação consolidou-se com a inauguração do Castanheira Shopping Center, inicialmente sob jurisdição de Ananindeua, mas, posteriormente, transferido para Belém após um acordo territorial entre os municípios, em 1991.

Além do shopping, há dois locais que foram concebidos como potenciais pontos turísticos da cidade: o Memorial da Cabanagem, projeto de Oscar Niemeyer, importante ponto turístico, mas que enfrenta evidentes sinais de abandono, e o Pórtico Metrópole, concebido pelo ex-prefeito Duciomar Costa. Para os moradores, a placa luminosa da Cerpa, empresa fabricante de bebidas, também é considerada, de forma afetiva, um "ponto turístico" local.

Em suma, a história do bairro é rica em detalhes, entrelaçando elementos naturais, arquitetônicos e culturais que moldaram sua identidade ao longo dos anos. Desde a grandiosa castanheira que emprestou seu nome à região até os monumentos e símbolos que refletem a luta e a história do povo paraense, cada aspecto desse bairro ecoa com significados profundos e narrativas marcantes.

Curió-Utinga

Considerado o maior bairro da cidade, o bairro Curió-Utinga tem sua vasta extensão territorial fazendo fronteira com Ananindeua, e cuja origem está ligada a feitos significativos. Antes de se estabelecer como um bairro independente, fazia parte dos bairros Souza e Marco. Apesar de sua ampla área, a densidade populacional não é proporcionalmente alta.

Em meio ao processo de expansão urbana que a cidade começou a vivenciar, o prefeito Hélio Gueiros anunciou, em 1996, a criação do novo bairro, e o nome "Curió-Utinga" foi escolhido em homenagem a um antigo morador chamado Francisco Curió e, possivelmente, em referência à água limpa presente no terreno do Parque do Utinga, já que "Utinga", em tupi-guarani, significa "água clara".

Antes de ser oficialmente reconhecido como um bairro de Belém, a região abrigava dois prósperos engenhos. Um deles era a Fazenda Utinga, localizada onde hoje se encontra o Parque Estadual do Utinga e o outro, o engenho Murucutu, cujas ruínas são consideradas patrimônio histórico e um valioso tesouro arqueológico, situadas na estrada da Ceasa.

O engenho Murucutu foi erguido em 1610 e recebeu o nome de um igarapé próximo. Posteriormente, em 1835, tornou-se uma base de operações para os revolucionários da Cabanagem. Após um longo período de abandono, em 1940 a propriedade do Murucutu passou a integrar o território da Embrapa. Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o local é objeto de estudo por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

Com a presença do Parque Estadual do Utinga, inicialmente denominado Parque Ambiental de Belém, é evidente a existência de uma área de preservação ambiental em meio à paisagem urbana, estendendo-se até o bairro Águas Lindas. No entanto, apesar dos esforços de preservação, ainda há relatos de desmatamento, esgotos a céu aberto e acúmulo de lixo, conforme mencionado por Diego.

Em suma, o bairro Curió-Utinga emerge como um cenário rico em história e significado, desde suas origens ligadas a antigos engenhos até sua atual configuração como uma extensão urbana planejada. No entanto, os desafios contemporâneos, como, o desmatamento e a poluição, destacam a necessidade contínua de esforços de conservação e gestão sustentável para garantir que a riqueza cultural e ambiental dessa região seja preservada para as gerações futuras.

Guanabara

As informações sobre o histórico deste bairro são escassas, porém, sabe-se que o bairro Guanabara está situado às margens da principal via de acesso a Belém, a BR 316. De acordo com dados da prefeitura, o nome é uma homenagem à Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro.

Mangueirão

A origem do bairro Mangueirão está ligada ao Estádio Olímpico do Pará Jornalista Edgar Proença, mais conhecido como Mangueirão. Esse nome foi atribuído à presença marcante de mangueiras que ornamentavam a cidade durante o processo de urbanização promovido pelo Intendente Antônio Lemos. O estádio tornou-se um ponto de referência na região, acabando por emprestar seu nome ao bairro.

Segundo o artigo de Nunes e Figueiredo, o estádio foi inaugurado em 1978 e deveria, originalmente, comportar até 120 mil pessoas, mas foi aberto ao público com uma capacidade reduzida e com apenas metade das arquibancadas concluídas. Inicialmente denominado Estádio Estadual Alacid Nunes, em homenagem ao governador da época, que idealizou sua construção, o local passou por uma fase de reestruturação em 2001, quando foi fechado para finalização e construção de uma pista olímpica. Em maio de 2002, o estádio foi reinaugurado com o nome Estádio Olímpico do Pará Jornalista Edgar Proença, em homenagem ao jornalista que narra muitos momentos marcantes ocorridos no Mangueirão.

Em síntese, a história do bairro Mangueirão reflete não apenas a evolução urbana de Belém, mas também, a importância cultural e esportiva do Estádio Olímpico do Pará Jornalista Edgar Proença. Desde sua origem ligada à arborização da cidade até sua consagração como local de eventos memoráveis, o Mangueirão e seu entorno testemunharam transformações significativas ao longo do tempo.

Marambaia

Conforme informações disponíveis no site da prefeitura, o bairro Marambaia, em Belém, tem suas raízes vinculadas a um vasto lote de terras pertencentes ao Sr. João Baltazar, as quais foram cedidas a várias pessoas por meio de foros, resultando na construção de moradias na região.

A ocupação progressiva do bairro está intimamente relacionada à expansão urbana da cidade impulsionada pela Estrada de Ferro Belém-Bragança, cujos primeiros ocupantes eram, geralmente, residentes provenientes do centro, sobremaneira, aqueles pertencentes à camada social menos favorecida. Conforme indicado no Dicionário de Topônimos Brasileiros de

Origem Tupi (1985, p. 179), o termo "Marambaia" era utilizado pelos povos tupis para designar a restinga, um ecossistema característico que se forma na interface entre o oceano e o continente.

Em conclusão, a história do bairro Marambaia em Belém revela a interseção entre fatores históricos, sociais e geográficos que moldaram sua origem e desenvolvimento. O bairro da Marambaia não apenas testemunha o passado, mas também, continua a ser um ponto focal de comunidade e história em Belém.

Souza

Situado nas proximidades dos bairros Marco, Curió-Utinga e Marambaia, o bairro Souza destaca-se como um dos menores da cidade, caracterizado por estar rodeado por áreas militares. Embora sua origem oficial seja motivo de especulação, duas teorias disputam a explicação do nome. A primeira sugere que o nome seja uma homenagem ao líder das caravanas que partiam de Bragança e faziam parada onde hoje se localiza o bairro. Já a segunda hipótese remonta à fundação do povoado de Sousa, ocorrida após a Corte de Madri atender às reclamações de Álvaro de Sousa, filho do governador geral, contra Feliciano Coelho de Carvalho, que tentava usurpar seu direito de posse.

Em síntese, embora seja o menor entre os bairros da cidade, o Souza é envolto por uma intrincada rede de histórias e significados. Seja como um ponto de parada para caravanas ou como resultado de disputas de terras antigas, sua identidade tem influências históricas e geográficas. Assim, o bairro Souza não só testemunha o passado da região, bem como continua a ser um elemento essencial na trama urbana de Belém, repleto de histórias a serem descobertas e exploradas.

Val-de-Cans

O bairro de Val-de-Cans apresenta suas origens envoltas em lendas e tradições que se mesclam com o desenvolvimento urbano ao longo dos séculos. Há duas versões intrigantes sobre a origem de seu nome, ambas relacionadas à geografia do território que deu origem ao termo "vale" (val). Uma delas, segundo o historiador Diego Pereira, sugere que o nome remete a uma comunidade de negros idosos, possivelmente alforriados ou remanescentes de quilombos, associando o envelhecimento à palavra latina "canus", resultando em "cans" e, portanto, "Val-de-Cans".

A outra versão remonta a uma fazenda da Ordem das Mercês, onde eram criados cachorros, possivelmente denominando-a como Val-de-Cães, mas sendo alterada

posteriormente para "cans" devido à preferência da elite local. O significado associado ao nome "Val-de-Cães" está registrado no site oficial da prefeitura, no qual, inclusive, o termo é mencionado. No entanto, ao percorrer as ruas do bairro, é possível observar que tanto "Val-de-Cães" quanto "Val-de-Cans" são utilizados nas placas de identificação, sugerindo uma dualidade ou incerteza em relação ao nome oficial do local.

Marcado pela presença militar ao longo de seu desenvolvimento, o bairro preserva áreas verdes graças às reservas das forças armadas, enquanto passou por mudanças significativas ao longo dos séculos, desde a tomada de terras dos religiosos pela monarquia no século XVIII até a modernização com a instalação de uma base aérea após a Segunda Guerra Mundial.

Apesar da diversidade socioeconômica refletida em seus conjuntos habitacionais, o bairro enfrenta desafios, como a falta de conservação e uso inadequado de áreas preservadas, como o Parque Ecológico do Município de Belém Gunnar Vingren, que permanece em estado de abandono e alvo de construções irregulares.

Universitário

O bairro Universitário recebe esse nome devido à sua composição, que inclui a Cidade Universitária da UFPA, a UFRA e o Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza. Apesar de sua importância, poucas pessoas estão familiarizadas com o nome do bairro e tendem a associá-lo como parte do bairro Guamá. Por consequência, o significado desse nome é pouco conhecido e está registrado apenas no site oficial da prefeitura.

Distrito Administrativo do Benguí

O distrito administrativo do Benguí é composto por sete bairros, caracterizados por uma predominância da população de classe baixa e por uma significativa extensão de áreas periféricas. É nesse distrito que se tornam mais evidente as desigualdades socioespaciais, evidenciadas pelo contraste entre moradias precárias e edifícios ou condomínios de alto padrão coexistindo na mesma região.

Benguí

A denominação do bairro encontra suas raízes na antiga via férrea que conectava Belém à Bragança, atravessando a localidade agora chamada de Benguí, carinhosamente apelidada pelos moradores de Bengola. Na entrada atual do bairro, existia um ponto de parada onde dois moradores locais, crianças que iam estudar em Castanhal, aguardavam o trem. Para garantir que o maquinista parasse para buscá-los, os pais dessas crianças decidiram criar plaquinhas

com os apelidos dos dois: Ben, derivado de Benjamim, e Gui, de Guilherme. Foi assim que a região passou a ser conhecida como Bengui.

Estes detalhes ressaltam a importância histórica e cultural do bairro, revelando suas origens entrelaçadas com eventos de invasões territoriais e a identidade única de seus habitantes ao longo do tempo.

Cabanagem

O surgimento do bairro da Cabanagem, inicialmente, conhecido como Santa Maria devido à ocupação em terras de uma antiga fazenda com o mesmo nome, remonta a meados do ano de 1988.

O nome atual do bairro presta homenagem ao movimento popular da Cabanagem (1835 a 1840), uma revolta marcante na província do Grão-Pará. Essa insurgência, resultante da crise econômica e social na região, foi liderada, principalmente, por indígenas, negros e pelas camadas mais desfavorecidas, que habitavam cabanas às margens dos rios locais. No entanto, as tropas regenciais conseguiram derrotar a revolta.

A ocupação definitiva da área ocorreu por meio da intervenção do então governador, Hélio da Mota Gueiros (1987-1991). Em seu mandato, houve a desapropriação de um terreno pertencente a uma empresa que utilizava a área para extração de areia e depósito de resíduos asfálticos. Essa ação possibilitou a consolidação do bairro da Cabanagem, destacando a importância do poder público na configuração e desenvolvimento das comunidades locais.

Coqueiro

Não foram disponibilizadas informações suficientes para enriquecer o histórico deste bairro. A única fonte considerada confiável é a presente no site oficial da prefeitura da cidade, a qual associa a origem do nome do bairro à abundante plantação de coqueiros que existia no local. O site argumenta que a denominação foi atribuída pelos residentes antigos.

Parque Verde

O bairro surgiu por volta dos anos de 1960, seguindo a rota da antiga estrada de ferro Belém-Bragança, quando muitas famílias se deslocavam do centro para as margens em busca de tranquilidade. O nome do bairro deriva justamente da predominância de extensas áreas verdes que, por muitos anos, foram características marcantes na região. Com o passar do tempo, o bairro expandiu-se ao redor da avenida Augusto Montenegro, tornando-se um importante polo cultural e de entretenimento. Caracterizado pela influência das classes alta e

média, destaca-se como uma área onde se evidencia a coexistência de diferentes estratos sociais.

Em conclusão, o bairro Parque Verde, surgido pela busca por um ambiente tranquilo nos anos 1960, tornou-se um espaço emblemático na paisagem urbana de Belém, caracterizado por suas vastas áreas verdes e pela presença de um centro cultural e de entretenimento dinâmico. Sua evolução ao longo das décadas reflete não apenas mudanças físicas e estruturais, mas também transformações sociais e econômicas, evidenciando a complexidade e diversidade da vida urbana na cidade.

Pratinha

O bairro da Pratinha emerge como um testemunho vivo da expansão urbana e da história social de sua região. Seu nome ecoa através das gerações, enraizado na memória coletiva dos habitantes e revelando um passado marcado pela influência da colônia do Prata. A origem desse nome remonta à antiga estrada do Prata, que se conectava à colônia homônima, um marco na luta contra a hanseníase. Essa enfermidade, outrora temida e estigmatizada sob o nome de lepra, levava consigo não apenas o sofrimento físico, mas também, o estigma social e a separação familiar.

Os filhos dos afetados eram separados dos pais e transportados pela estrada do Prata até o educandário Eunice Weaver, um espaço de prevenção e cuidados, destinado a abrigar e educar as crianças saudáveis, distantes de seus lares. No entanto, o local era marcado por um ambiente onde as crianças enfrentavam diversas formas de violência.

O bairro da Pratinha, ao mesmo tempo que representa um testemunho vívido do crescimento urbano e das dinâmicas sociais que o permeiam, também nos convida a refletir sobre as profundas injustiças e adversidades enfrentadas pelas gerações passadas. Seu nome evoca a geografia local e as histórias de resiliência e sofrimento que ecoam através do tempo. À medida que os eventos do passado são revisitados, confronta-se a realidade dolorosa das crianças separadas de seus pais e expostas a ambientes de violência.

São Clemente

A história do bairro São Clemente permanece obscurecida nos registros de pesquisa disponíveis. A única pista tangível reside no website da prefeitura, para o qual o nome é uma homenagem à antiga comunidade local, que outrora abrigava uma igreja, um cemitério e uma estrada com o mesmo nome.

Tapanã

O bairro Tapanã tem suas raízes entrelaçadas com o Ciclo da Borracha, um período de intensa atividade econômica e migração no Norte do Brasil. Originalmente composto por vastas fazendas, destacava-se a conhecida hospedaria Tapanã, apelidada de “Hospedaria do Diabo” ou “Hospedaria do Inferno”. O motivo por trás dessa denominação residia nos relatos de maus-tratos sofridos pelos soldados da borracha, em sua maioria, nordestinos em busca de melhores oportunidades na região amazônica. Esse local tornou-se um símbolo da dura realidade enfrentada por aqueles que migravam em busca de prosperidade, encontrando, em vez disso, fome, doenças e morte.

Para entender o contexto, é necessário situar o Ciclo da Borracha durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos estabeleceram um acordo com o Brasil para garantir o fornecimento exclusivo de látex, matéria-prima essencial das seringueiras. Milhares de brasileiros foram recrutados como soldados da borracha, atraídos pela promessa de reconhecimento, riqueza e uma nova vida em uma terra desconhecida. No entanto, após o declínio do ciclo, muitos continuaram a buscar oportunidades na hospedaria Tapanã, uma vez que as comunicações da época eram limitadas, impossibilitando a disseminação de informações sobre as condições desfavoráveis do local.

Hoje, o Tapanã é caracterizado como um bairro periférico de Belém, onde as políticas públicas muitas vezes são inadequadas para atender às necessidades básicas dos residentes e promover a urbanização adequada. O desenvolvimento do bairro foi marcado pela pobreza e desigualdade social, refletindo as profundas cicatrizes deixadas pelo Ciclo da Borracha e as consequências de décadas de negligência e marginalização. Assim, a história do Tapanã não apenas ilustra os desafios enfrentados por aqueles que migraram em busca de uma vida melhor, mas também destaca a necessidade premente de medidas eficazes para combater a pobreza e promover a inclusão social nas áreas periféricas das cidades brasileiras.

Una

Devido à escassez de fontes confiáveis adicionais, não foi possível obter muitas informações sobre o bairro, que foi abraçado pela comunidade por estar situado na área da Bacia do Una e delimitado pela estrada de mesmo nome. Localizado em Belém, o bairro faz parte de uma região caracterizada por desafios socioambientais resultantes da ocupação desordenada e das condições históricas que contribuíram para problemas como inundações.

Distrito Administrativo de Icoaraci

O Distrito Administrativo de Icoaraci abrange sete bairros e, embora ainda faça parte do município de Belém, busca alcançar autonomia em relação à administração municipal. Caracterizado por bairros de classe baixa e uma concentração de aglomerados populacionais, Icoaraci possui uma orla com uma variedade de serviços, incluindo alimentação e vestuário. Além disso, é conhecido por abrigar indústrias relacionadas à pesca e à madeira, destacando-se no artesanato de cerâmica indígena.

Águas Negras

O bairro de Águas Negras, situado no distrito administrativo de Icoaraci, recebe sua denominação da população devido à coloração escura das águas do igarapé que o delimita. Pouco se sabe sobre a história do bairro, pois, as informações escassas disponíveis limitam-se ao registro da denominação em fontes como o site da prefeitura.

Agulha

O bairro Agulha, localizado em Belém-PA, teve seus limites definidos pela Lei 7.806, datada de 30 de julho de 1996. Integrante do distrito administrativo de Icoaraci, seu nome remete ao dispositivo conhecido como "agulha", utilizado para mudar os trilhos e facilitar as manobras dos trens que percorriam essa região. Entretanto, a história detalhada do bairro permanece pouco conhecida, com informações escassas disponíveis, sendo sua denominação registrada, principalmente em fontes oficiais, como o site da prefeitura.

Campina de Icoaraci

A Campina de Icoaraci, outro bairro do Distrito de Icoaraci, surgiu devido à expansão das áreas afastadas da orla. Inicialmente habitado por uma população de menor poder aquisitivo, o bairro teve um aumento demográfico significativo com a abertura da rodovia Augusto Montenegro, que estabeleceu uma ligação direta entre Icoaraci e Belém. Esse desenvolvimento atraiu a construção de conjuntos habitacionais.

Conforme informações disponíveis no site da prefeitura, a área que hoje abrange o bairro anteriormente fazia parte das terras do matadouro e era conhecida por suas vastas pastagens.

Cruzeiro

O bairro Cruzeiro teve sua ocupação iniciada na Travessa do Cruzeiro, conforme apontado por Dias (2007). Seu nome é derivado do Cruzeiro situado na ponta de terra entre o Rio Maguari e a Baía do Guajará, um dos mais antigos marcos da antiga Vila Pinheiros.

De acordo com a pesquisa de Silva (2018), o bairro Cruzeiro figura como um dos mais antigos de Icoaraci, apresentando um planejamento urbano que consiste em ruas dispostas em forma de tabuleiros, ou seja, em quadrados. Este planejamento foi acompanhado pela criação de um centro comercial e a instalação de serviços essenciais como escolas públicas, postos de saúde e delegacias. Dada a sua proximidade com a orla, o bairro registra uma considerável circulação de pessoas.

Maracacuera

Pouco se conhece sobre a história do bairro, mas conforme registra o site da prefeitura, sua ocupação teve início nos arredores da antiga Fazenda Maracacuera, que emprestou seu nome à estrada de acesso. De acordo com Silva (2018), a região enfrenta condições precárias de vida, marcadas pela ausência de diversos serviços essenciais. Esses moradores encontram-se em uma área periférica do distrito, devido à sua localização mais distante do centro urbano.

Paracuri

O bairro Paracuri recebe seu nome da tribo indígena que praticava a arte da cerâmica marajoara, sendo este o local onde as primeiras olarias surgiram, em torno do igarapé de mesmo nome. A tradição dos artesãos ceramistas na área contribui significativamente para a história desse ambiente artesanal em Paracuri. Além disso, a disseminação da cultura marajoara na região ressalta a importância histórica e cultural do bairro. Vale destacar que Paracuri é considerado um bairro periférico.

Parque Guajará

O bairro Parque Guajará está situado entre a rodovia Augusto Montenegro e a Estrada do Tapanã, tendo seu nome derivado do projeto do Parque Ecológico Guajará ali estabelecido. Contudo, há escassez de informações disponíveis sobre este bairro.

Ponta Grossa

O bairro Ponta Grossa, situado na periferia, é predominantemente composto por construções de madeira. No entanto, carece de informações detalhadas sobre sua história e características. De acordo com a prefeitura, sua origem está associada ao alargamento dos trilhos do trem no trajeto entre Belém e Icoaraci.

Tenoné

Embora haja uma falta de detalhes sobre sua história e características, conforme indicado no site da prefeitura, o nome do bairro parece estar relacionado à antiga estação de trem do Tenoné, situada na área.

Distrito Administrativo do Outeiro

O Distrito Administrativo de Outeiro abrange quatro bairros e inclui diversas ilhas na baía de Guajará. É reconhecida por seu considerável potencial turístico, especialmente, durante as férias de julho, quando a região recebe uma grande movimentação de visitantes.

Água Boa

O bairro Água Boa recebe seu nome em virtude da presença do igarapé Água Boa e da praia de mesmo nome. No entanto, há escassez de informações disponíveis sobre este bairro.

Brasília

O bairro Brasília teve origem a partir da antiga posse do Sítio Redentor, que foi gradualmente ocupada de forma espontânea pela comunidade local, que posteriormente o denominou de Brasília. Não foram localizadas informações sobre o histórico desse bairro.

Itaiteua

Assim como os demais bairros neste distrito, há uma carência de informações históricas disponíveis. A única fonte confiável acessível é o site da prefeitura, que menciona apenas a denominação do bairro, tradicionalmente atribuída pela população. Na língua Tupi, essa denominação significa "lugar de pedras ou metais grandes".

São João do Outeiro

A origem deste bairro remonta à antiga posse, embora a prefeitura não tenha especificado o tipo de posse em questão. São João de Outeiro é citado como referência, assim

como suas características físicas e geológicas, notáveis por suas numerosas falésias ao longo da orla.

Antônio Lemos

Surgido recentemente no distrito de Icoaraci, Antônio Lemos foi oficializado em 24 de abril de 2019, através de uma emenda à Lei nº 7.806, datada de 30 de julho de 1996. Esse bairro recebeu o nome em homenagem ao Intendente Antônio Lemos, em reconhecimento à sua significativa contribuição para a urbanização de Belém. Sua área é composta por terrenos desmembrados dos Bairros Maracacuera e Águas Negras. Embora ainda não esteja listado no site oficial da prefeitura, a lei que o institui é válida e reconhecida. Com essa inclusão, o município de Belém passa a contar com setenta e dois bairros em sua composição.

Distrito Administrativo de Mosqueiro

O Distrito Administrativo de Mosqueiro compreende dezesseis bairros. Localizada como uma ilha e pertencente ao município de Belém, Mosqueiro é uma região bastante dinâmica, principalmente devido às suas belas praias de água doce.

Aeroporto

O bairro Aeroporto, localizado na Ilha do Mosqueiro, em Belém-PA, tem suas raízes na área do antigo aeroporto utilizado por aviões de pequeno porte durante as décadas de 60 e 70. Consistia em uma pista de 900 metros e um pequeno hangar, administrados por um funcionário conhecido como Capitão Rufino, que não possuía instrumentos específicos de aviação nem treinamento qualificado na área.

Ariramba

O bairro Ariramba, em Mosqueiro, carece de informações detalhadas, porém, de acordo com a prefeitura, seu nome é uma homenagem a uma ave de bico longo, frequentemente encontrada nas margens dos rios da região. Essa abundância da espécie na praia local justifica a escolha do nome. Segundo historiadores, o surgimento desse bairro marca o início da primeira fase de ocupação da ilha de Mosqueiro.

Baía do Sol

O bairro Baía do Sol é reconhecido como o mais antigo em termos de ocupação na ilha de Mosqueiro. Seus primeiros colonizadores portugueses chegaram a este local procedentes

de São Luís do Maranhão. O nome do bairro deriva do fato de ser margeado pela Baía do Sol. Desde tempos ancestrais, é conhecido por suas atividades tradicionais de pesca, originárias das comunidades locais de Bacuri e Fazenda. De acordo com o registro histórico da região, a área era habitada pelos índios Tupinambás até serem dizimados pelos colonizadores europeus.

Bonfim

O nome do bairro Bonfim tem sua origem na antiga Granja do Bonfim, que desencadeou uma ocupação na região, moldando assim sua identidade. Infelizmente, a única fonte de informação disponível sobre o nome e sua história é o site da prefeitura.

Carananduba

Existem poucas informações históricas disponíveis sobre o bairro, e o site da prefeitura apenas fornece o significado de sua denominação na língua indígena, CARANÃ-GRANDE, que significa "Palmeira semelhante ao açazeiro, cujo fruto é usado para preparar uma bebida semelhante ao açaí". Acredita-se que o local possa ser tão antigo quanto a própria Vila de Mosqueiro.

Caruará

Há escassez de informações históricas disponíveis sobre o bairro já que o site da prefeitura oferece apenas o significado da sua denominação atribuída pela população, que na cultura indígena se traduz como: "duendes que fazem adormecer aqueles que frequentam sua praia".

Chapéu Virado

O bairro Chapéu Virado recebeu sua denominação em referência à intensidade dos ventos na região, que frequentemente viravam as abas dos chapéus dos visitantes do antigo Mosqueiro. No entanto, há poucas informações disponíveis sobre a história deste bairro.

Farol

O bairro Farol tem uma evolução histórica em seu nome, começando como Ponta-do-Chapéu-Virado, seguido por Farol do Chapéu Virado (devido à presença de um farol) e, por fim, simplesmente Farol, nomeado após a praia adjacente. A região é marcada por uma arquitetura característica, notavelmente exemplificada pelo Hotel do Farol.

Zacharias Paulino dos Santos Mártires, nascido em 1884, em Bragança-PA, desempenha um papel significativo na história local. Originário do interior, ele mudou-se para Belém para prosseguir seus estudos, deixando uma influência duradoura na região. Sua contribuição é acompanhada por Adelaide de Almeida, uma portuguesa criada em Belém, que também deixou sua marca na comunidade local. Juntos eles criaram o histórico Hotel Farol.

Mangueiras

A única fonte disponível é o site da prefeitura, para o qual o bairro tem sua origem relacionada à Avenida 16 de Novembro, conhecida popularmente como Rua das Mangueiras.

Maracajá

O bairro Maracajá destaca-se como um dos mais populosos da ilha, tendo surgido nos primórdios do século XX, como uma expansão natural da Vila do Mosqueiro em direção ao interior, impulsionada pela necessidade de desenvolvimento habitacional.

Anteriormente conhecido como Umarizal, devido à abundância de frutos umari, sua atual denominação, que também nomeia a principal via do bairro, Travessa Maracajá, originou-se de um felino bastante comum na região densamente arborizada da ilha naquela época: o gato maracajá. Apesar da importância histórica do bairro, há uma escassez de informações documentadas sobre sua trajetória.

Marahú

Existem poucas informações históricas disponíveis sobre o bairro. De acordo com dados fornecidos no site da prefeitura, o nome do bairro remonta à antiga posse de terra denominada "Sítio Marahú", em conjunto com a praia de mesmo nome.

Murubira

A história de Murubira é permeada por uma rica mistura de influências indígenas e estrangeiras que contribuíram para moldar a identidade e o desenvolvimento da ilha. Embora haja poucas informações históricas disponíveis sobre o bairro, sabe-se que seu nome é atribuído às Tribos dos Moribiras, que deram origem à ocupação inicial, e à nascente do rio homônimo.

Natal do Murubira

Devido à falta de informações sobre o histórico do bairro, apenas sabe-se que sua denominação surgiu em resposta aos apelos da comunidade local. O bairro é delimitado, por um lado, pelo loteamento Jardim Natal, e pelo rio Murubira do outro lado. Além disso, o bairro é atravessado pela Rua Natal do Murubira, conforme detalhado no site oficial da prefeitura.

Paraíso

O bairro Paraíso, apesar da escassez de informações sobre seu histórico, recebe sua denominação devido à sua associação com um lugar calmo e de grande beleza. Os antigos ocupantes do bairro foram os responsáveis por dar esse nome ao local.

Porto Arthur

O bairro Porto Arthur, em Mosqueiro, tem sua origem associada a Arthur Pires Teixeira, um pioneiro no desenvolvimento da região. No coração do bairro encontra-se o "Chalé Porto Arthur", uma residência icônica da ilha, erguida por volta de 1905, sob a direção de Arthur Pires Teixeira. Esta construção se destaca por sua beleza arquitetônica e pela influente figura do seu construtor, filho de imigrantes portugueses, que mergulhou cedo nos empreendimentos de seu pai e se encantou pela ilha de Mosqueiro. Sua contribuição para a cultura local foi imensurável, refletida em suas composições musicais e escritos que celebravam as belezas da ilha e a era marcada pelo intercâmbio cultural com a Europa, além do auge da produção de borracha.

Praia Grande

O bairro Praia Grande recebe sua denominação devido à sua extensa faixa de praia, que em tempos antigos servia como ponto de referência e local de encontro para a sociedade de Mosqueiro.

São Francisco

O nome do bairro São Francisco, conforme detalhado no site da prefeitura, deriva da capela do Cemitério de São Francisco, que existia na região no passado. Esse nome acabou sendo adotado pela comunidade local, batizando também a praia adjacente.

Sucurijuquara

Não há informações detalhadas sobre o histórico completo do bairro, mas sua denominação provém da área circundada pelo igarapé de mesmo nome, cujo significado remete à morada do Sucuriju, um nome de origem Tupi-Guajajara.

Vila

Segundo historiadores, o primeiro povoado de Mosqueiro corresponde ao atual bairro Vila, cujo papel foi fundamental no desenvolvimento da ilha, servindo como ponto de chegada e partida para todos os visitantes e moradores. A história desse bairro remonta há mais de 126 anos, tendo sido iniciada pelos índios Tupinambás, que habitavam a região e utilizavam as praias para atividades como moqueio e mariscagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação por estudos toponomásticos teve origem na curiosidade de investigar os nomes da região em que nasceu e cresceu esta pesquisadora. Esse interesse teve início durante a graduação e continuou ao longo do mestrado. O estudo da Onomástica, sobretudo, da Toponímia, possibilitou (re)conhecer a história por trás de cada denominação e despertou um profundo fascínio pela cidade natal desta autora.

Nesse contexto, o propósito principal desta dissertação consistiu na análise dos 72 topônimos, distribuídos geograficamente nos 8 distritos administrativos, conforme a divisão regional estabelecida pela CODEM até o ano de 2014, e que estão associados a acidentes humanos e vinculados aos diversos bairros da cidade de Belém.

Por meio das análises realizadas sobre os nomes dos bairros da cidade de Belém, percebe-se que um topônimo mantém laços intrínsecos com a história e a memória de uma comunidade, e uma investigação mais aprofundada desse nome capacita o pesquisador a compreender a história de uma determinada região.

Por meio desta pesquisa, adquiriu-se um maior entendimento sobre os topônimos, seus processos de formação e observou-se que alguns deles retêm a influência da língua indígena em sua composição, enquanto outros foram nomeados a partir da língua dos colonizadores. Além disso, notou-se a presença de muitos topônimos que incorporam ambas as línguas (Língua Portuguesa + Tupi) e até mesmo alguns que incorporam o Latim em sua nomenclatura.

Os resultados indicam que entre os topônimos analisados prevalecem, em sua maioria, os fatores físicos, conforme foi evidenciado pelas taxes. Isso sugere que, ao nomear um lugar, o ser humano tende a, inicialmente, considerar o entorno e sua conexão com a natureza, particularmente a flora, fauna e cursos de água, representando um total de 54% dos topônimos relacionados à natureza física. Nomes como Umarizal, Maracangalha e Aurá não apenas identificam os locais, mas também contam histórias sobre a abundância de árvores frutíferas, a presença de determinados animais e a influência dos rios na região. Esses elementos naturais não apenas dão forma à geografia física, mas também à identidade cultural e social da comunidade.

Os fatores antropoculturais também desempenham um papel significativo, totalizando 46% dos casos, com uma ênfase particular na cultura material humana, seguida pelos nomes próprios e, posteriormente, pela influência da religião, sobretudo, da Igreja Católica Romana. Nomes como Batista Campos e São Brás remetem a indivíduos importantes na história local, enquanto Marco refletem aspectos da cultura material. Esses nomes não apenas identificam os

lugares, mas também carregam consigo narrativas culturais e históricas que enriquecem a compreensão da identidade local.

Assim, ao decifrar os nomes dos bairros de Belém-PA, não apenas desvendamos a geografia física, mas também mergulhamos nas histórias, tradições e relações humanas que moldaram esses lugares. A toponímia torna-se, portanto, não apenas uma ferramenta cartográfica, mas também um espelho da complexidade da história, cultura e identidade de uma comunidade. Isso evidencia que ao atribuir nomes a lugares, o ser humano estabelece conexões com a natureza, a história local, sua própria identidade e sua fé em Deus.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Anna Inez; BASTIANI, Carla; ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Toponômica, interdisciplinaridade e ensino: propostas pedagógicas a partir da BNCC*. In: CASTIGLIONI, Ana Claudia; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. (org.), *Léxico e Ensino: resultados de pesquisa*. 1º edição. Campinas – SP. Pontes Editores, 2022.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado de Tocantins – Projeto ATITO*. Tese de doutorado. São Paulo, 2006.

BARROS, A. P. S.; AZEVEDO, A. C. J.; DIAS, E. R. S.; OLIVEIRA, H. M. P. A espacialização da violência urbana: uma abordagem sobre a territorialização perversa da violência no bairro do Barreiro em Belém do Pará. In: *anais do VII CBG*. ISBN: 978-85-98539-04-1.

BIDERMAN, M.T. Dimensões da palavra. In: *Filologia e linguística portuguesa*: n. 2, p. 81-118, 1998.

BUENO, Silveira. *Vocabulário tupi-guarani português*. São Paulo: Vida livros, 2008.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *A Toponímia Portuguesa: um recorte linguístico do Douro ao Tejo*. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1998.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisas Qualitativas em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2008.

- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense*. (Dissertação de Mestrado em Letras). Três Lagoas: UFMS, 2003.
- DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *O desvendar da toponímia do bolsão sul-mato-grossense*. Projeto ATEMS: caminhos metodológicos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2019.
- DIAS, Ana Lourdes Cardoso. *Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses*. Tese de doutorado. Goiânia, 2016.
- DIAS, Benjamim Dias. *Urbanização e ambiente urbano no distrito administrativo de Icoaraci, Belém-PA*. Tese de doutorado. São Paulo, SP, 2007.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. São Paulo, 1992.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município: um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia Sul-mato-grossense. *Revista Prolíngua*, 2008.
- NUNES, J. R.; FIGUEIREDO, S. J. L. *Referências culturais e patrimônio: o Mangueirão, em Belém, PA*. Paper do NAEA. Volume 28.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geographia nacional*. São Paulo, 1987. Editora Nacional
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência: Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961
- SILVA, Camila André do Nascimento. *A toponímia indígena em Mato Grosso do Sul: um estudo etnolinguístico*. 2020, 629 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, 2020.

SILVA, Marcelle Peres. (2018). *Faces da metrópole: desigualdades socioespaciais e violência no Distrito de Icoaraci, Belém-PA*. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém- PA, 2018.

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. *Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940)*. Dissertação de mestrado. Belém, PA, 2009.

TEIXEIRA, Madalena (coordenadora); SILVA, Inês; SANTOS, Leonor (subcoordenadoras). *Onomástica e Identidade do Homem em Seu Meio*. Organização Maria Sueli de Aguiar, Maria Célia Dias de Castro, Ana Lourdes Cardoso Dias. Edição Instituto Politécnico de Santarém / Escola Superior de Educação, 2017.

TIBIRIÇA, Luiz Caldas. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi: Significado dos nomes geográficos de origem tupi*. São Paulo: Traço Editora, 1985.

VASCONCELLOS, J. Leite de. *Opúsculos*. Volume I. Coimbra: imprensa da universidade, 1928.

Belém (PA). Prefeitura. 2012. Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br>. Acesso em: nov. 2023. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, v. 14, p. 293-297.

Disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/bairros_index.htm. Acesso em 17 de agosto de 2021.

Disponível em: <https://codem.belem.pa.gov.br/mapas/distritos-administrativos/>. Acesso em 17 de agosto de 2021.

Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-44-hospedaria-tapana-belem-pa-lara-de-castro/#:~:text=Constru%C3%ADda%20em%201942%20pelo%20Servi%C3%A7o,passaram%20milhares%20de%20trabalhadoras%20e>. Acesso em: 18 de julho de 2022

Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>. Acesso em 22 de julho de 2023. Disponível em: https://www.google.com/maps/@-1.3952339,-48.4698683,3a,15y,94.74h,83.63t/data=!3m6!1e1!3m4!1sTeOGkRMR_jquw8uozWzJKg!2e0!7i16384!8i8192?entry=ttu. Acesso em: 22 de julho de 2023

Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-1.3987611,-48.4710152,3a,15y,128.17h,89.43t/data=!3m6!1e1!3m4!1s1RsQ2ONQeMqOVsZeuTglZw!2e0!7i16384!8i8192?entry=ttu>. Acesso em: 22 de julho de 2023

Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-6/html/index.php>. Acesso em: 01 de julho de 2023

Disponível em: <https://geocartografiadigital.blogspot.com/2013/05/cartografia-dos-distritos.html?m=1> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.alepa.pa.gov.br/noticia/6847/> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belempraveresentir/conheca-curiosidades-e-personagens-que-contam-a-historia-dos-bairros-de-belem-1.480501> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/campina-conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-do-bairro-do-com%C3%A9rcio-1.172568> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/reduto-o-motor-da-economia-na-funda%C3%A7%C3%A3o-de-bel%C3%A9m-1.162741> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/noticia-390205-reduto-bairro-que-mistura-historia-e-modernidade.html?d=1> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/umarizal-ra%C3%ADzes-na-pobreza-e-no-povo-negro-1.98989> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/dolcast/aniversario-belem/635668/batista-campos-conheca-mais-sobre-a-historia-do-bairro-e-suas-curiosidades-na-serie-especial-belem-405-anos---bairros-historicos?d=1> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/conheca-a-origem-dos-nomes-de-13-bairros-que-contam-a-historia-de-belem> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/nazar%C3%A9-o-projeto-da-bel%C3%A9m-de-todos-os-tempos-1.4085> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/dolcast/aniversario-belem/636740/bairro-de-nazare-conheca-mais-sobre-a-historia-do-bairro-e-suas-curiosidades-na-serie-especial-belem-405-anos---bairros-historicos?d=1> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.fratelliimobiliaria.com.br/bairro/sao-bras-id-1285> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/belem-monumento-do-marco-da-legua/#!/map=38329&loc=-1.4287260130852224,-48.45349429727223,17> Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Marco.htm>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://nobengui.blogspot.com/2012/04/o-bengui-sempre-sera-o-bengui.html?m=1>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bengui.ht>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.facebook.com/PrefeituraBelem/videos/2308961472753869/>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/democracia-e-a-cabanagem/>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/cabanagem-em-mem%C3%B3ria-%C3%A0-revolta-cabana-1.146446>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/01/13/revolta-da-cabanagem-deu-origem-a-tv-13-de-maio-em-belem-descubra-a-historia.ghtml>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Coqueiro.htm>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://bahianoar.com/programa-roque-santos-e-o-povo-counta-a-historia-do-bairro-parque-verde/>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://grupostatus.com.br/parque-verde-o-coracao-da-avenida/>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/ParqueVerde.htm>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/conheca-a-origem-dos-nomes-de-13-bairros-que-contam-a-historia-de-belem>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Canudos.htm>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://parawebnews.com/conheca-o-que-significam-os-nomes-de-bairros-populares-em-belem/>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://belemantiga.blogspot.com/2014/11/aviacao-em-belem-nasceu-uma-das-maiores.html>

Acesso em: 01 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://belemantiga.blogspot.com/2014/10/curiosidades-no-tempo-em-que-o.html>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-do-bairro-da-condor-que-homenageia-uma-empresa-a%C3%A9rea-alem%C3%A3-1.90300>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/usina-de-cremacao-saiba-como-foi-a-origem-de-um-dos-principais-bairros-de-belem> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/dolplay/aniversario-belem/636251/serie-especial-bairros-historicos-assista-um-pouco-sobre-a-historia-do-bairro-da-cremacao?d=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://belemhistorica.blogspot.com/2010/10/bairro-da-cremacao.html?m=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/crema%C3%A7%C3%A3o-de-quando-se-buscava-solu%C3%A7%C3%B5es-para-o-lixo-1.53618> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.jesocarneiro.com.br/memoria/cremacao-a-usina-que-deu-origem-ao-bairro.html> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://belemantiga.blogspot.com/2014/11/guama-triste-e-desconhecida-historia.html> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hblacMhisbA> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aowM1qQOIOc> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/598915/a-triste-historia-da-origem-do-bairro-do-guama-conheca?d=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://fibrapara.edu.br/trilhas-entrelacadas/docs/edicao-1/4-CONCEITOS-E-PRECONCEITOS-SOBRE-O-BAIRRO-DO-GUAMA.pdf> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://radiomargarida.org.br/webdoc/index.php/webdocumentario/barreiro-e-jurunas-o-chao-por-onde-andamos> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Jurunas.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/648585213281222657> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/terra-firme-amor-humildade-e-identidade-1.51503> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Barreiro.htm>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://dol.com.br/dolcast/aniversario-belem/636402/dolcast-conheca-mais-sobre-a-historia-do-bairro-de-fatima-e-suas-curiosidades-na-serie-especial-belem-405-anos---bairros-historicos?d=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://pportalparamazonia.blogspot.com/2019/02/descubra-o-significado-dos-nomes-dos>. Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8171077/> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Miramar.htm>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-da-pedreira-o-bairro-do-samba-e-do-amor-1.52277> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/para/conheca-a-origem-dos-nomes-de-13-bairros-que-contam-a-historia-de-belem> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://diariodopara.dol.com.br/belem/sacramenta-e-fruto-de-historia-de-amor-109113/> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Sacramenta.htm>

Disponível em: <https://www.facebook.com/PrefeituraBelem/videos/bairro-da-sacramenta/887162224985293/> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/sacramenta-hist%C3%B3ria-de-luta-pela-moradia-1.162791> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/tel%C3%A9grafo-bairro-de-contrastes-e-das-ruas-que-falam-1.46239> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Telegrafo.htm>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/AguaLinda.htm>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://adrielsonfurtado.blogspot.com/2010/04/aura.html?m=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2023/07/31/lixo-na-grande-belem-entenda-historia-e-denuncias-envolvendo-o-aterro-sanitario-de-marituba.ghtml> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Castanheira.htm>

Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/castanheira-o-bairro-de-uma-%C3%A1rvore-que-realmente-existia-1.91181> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-do-bairro-curi%C3%B3-utinga-engenhos-natureza-e-a-cabanagem-1.160357> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://marcelopachecocurio.no.comunidades.net/historia-do-bairro-do-curio-utina> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Curio.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Guanabara.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Mangueirao.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://cidadequefala.blogspot.com/2014/08/bairro-do-souza.html?m=1> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-do-bairro-de-val-de-cans-ou-c%C3%A3es-sobre-idosos-cachorros-e-militares-1.155105> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Universitario.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://grupostatus.com.br/parque-verde-o-coracao-da-avenida/> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Pratinha.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/SaoClemente.htm> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/tapan%C3%A3-a-rota-da-borracha-em-bel%C3%A9m-e-a-hospedaria-do-inferno-1.143631> Acesso em: 02 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-44-hospedaria-tapana-belem-pa-lara-de-castro/> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Una.htm> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/AguasNegras.htm> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Agulha.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Cruzeiro.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em:

<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/ParqueGuajara.htm> Acesso em:

03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/PontaGrossa.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Tenone.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/AguaBoa.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Brasilia.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Itaiteua.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/SaoJOuteiro.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Paracuri.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://mosqueirando.blogspot.com/2015/11/janelas-do-tempo-aeroporto-na-ilha.html?m=1> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Ariramba.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/aeroporto.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://adevaldopamplonasf.blogspot.com/p/historia.html?m=1> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://baiadosolsempre.blogspot.com/p/baia-do-sol-historia-by-claudionor.html?m=1> Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Bonfim.htm>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em:
<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/ChapeuVirado.htm> Acesso em:
03 de janeiro de 2024

Disponível em:
<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Carananduba.htm> Acesso em: 03
de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Caruara.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Mangueiras.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Maracaja.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://mosqueirando.blogspot.com/2021/04/?m=1> Acesso em: 03 de janeiro
de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Marahu.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Murubira.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em:
<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/NatalMurubira.htm> Acesso em:
03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Paraiso.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/PortoArthur.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/PraiaGrande.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/SaoFrancisco.htm>
Acesso em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em:
<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Sucurijuquara.htm> Acesso em: 03
de janeiro de 2024

Disponível em: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Vila.htm> Acesso
em: 03 de janeiro de 2024

Disponível em: <https://mosqueirosustentavel.blogspot.com/2015/04/o-sitio-paraiso.html?m=1>

Acesso em: 03 de janeiro de 2024

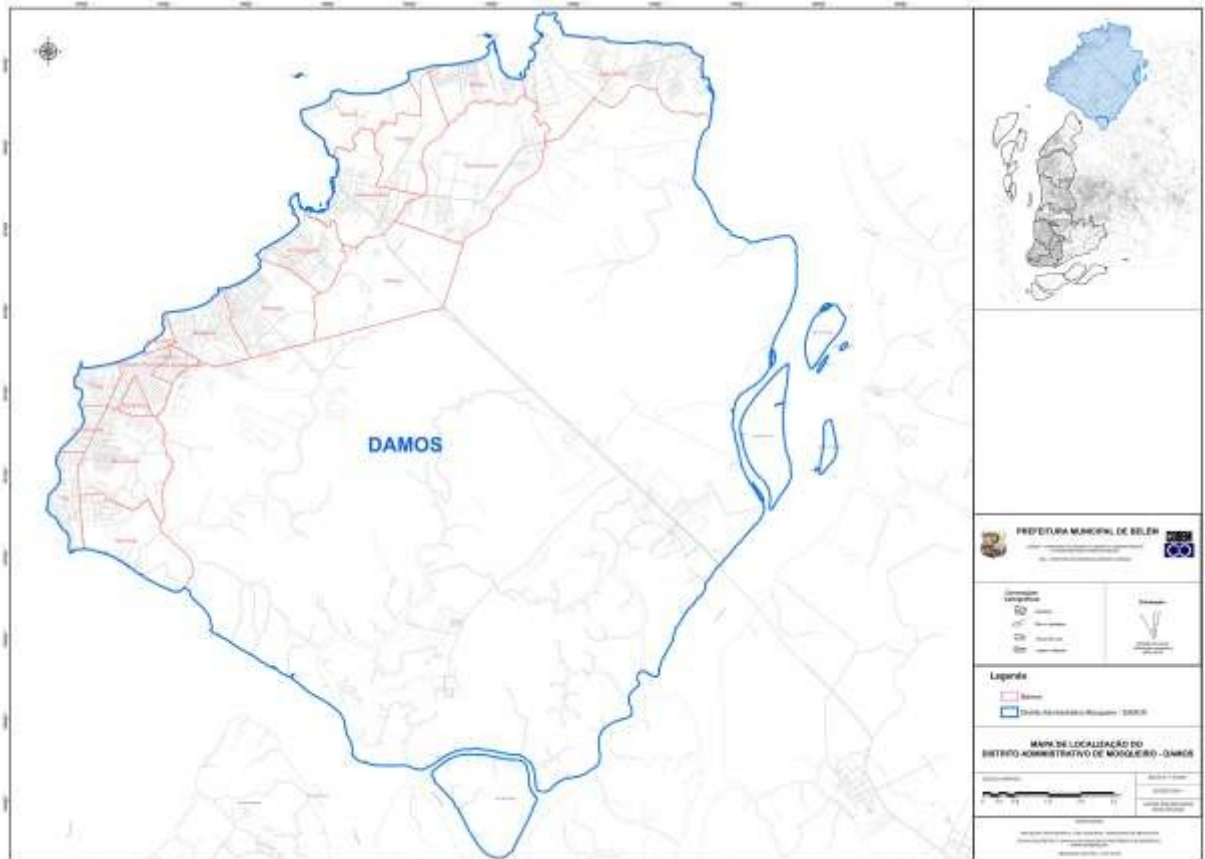
Disponível em:

<http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/NatalMurubira.htm> Acesso em:

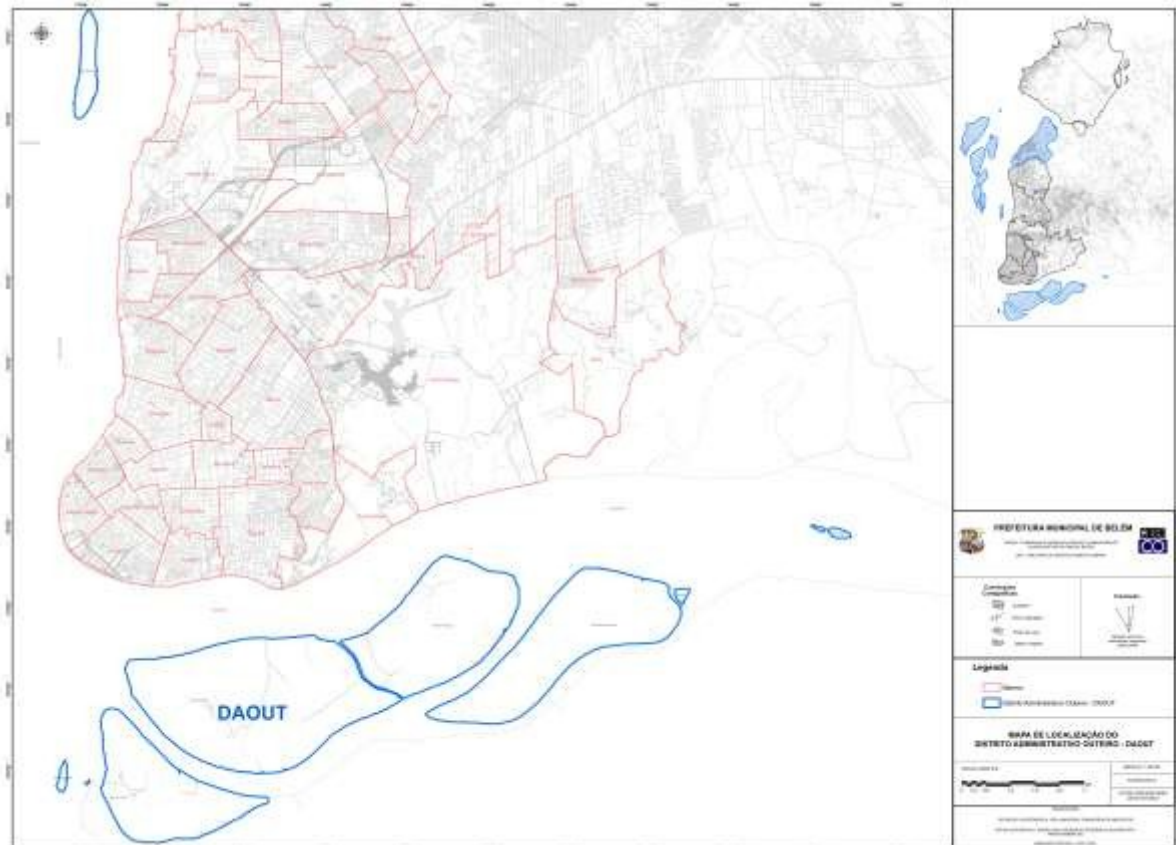
03 de janeiro de 2024.

ANEXOS

Mapa 1- Bairros do município de Belém-PA

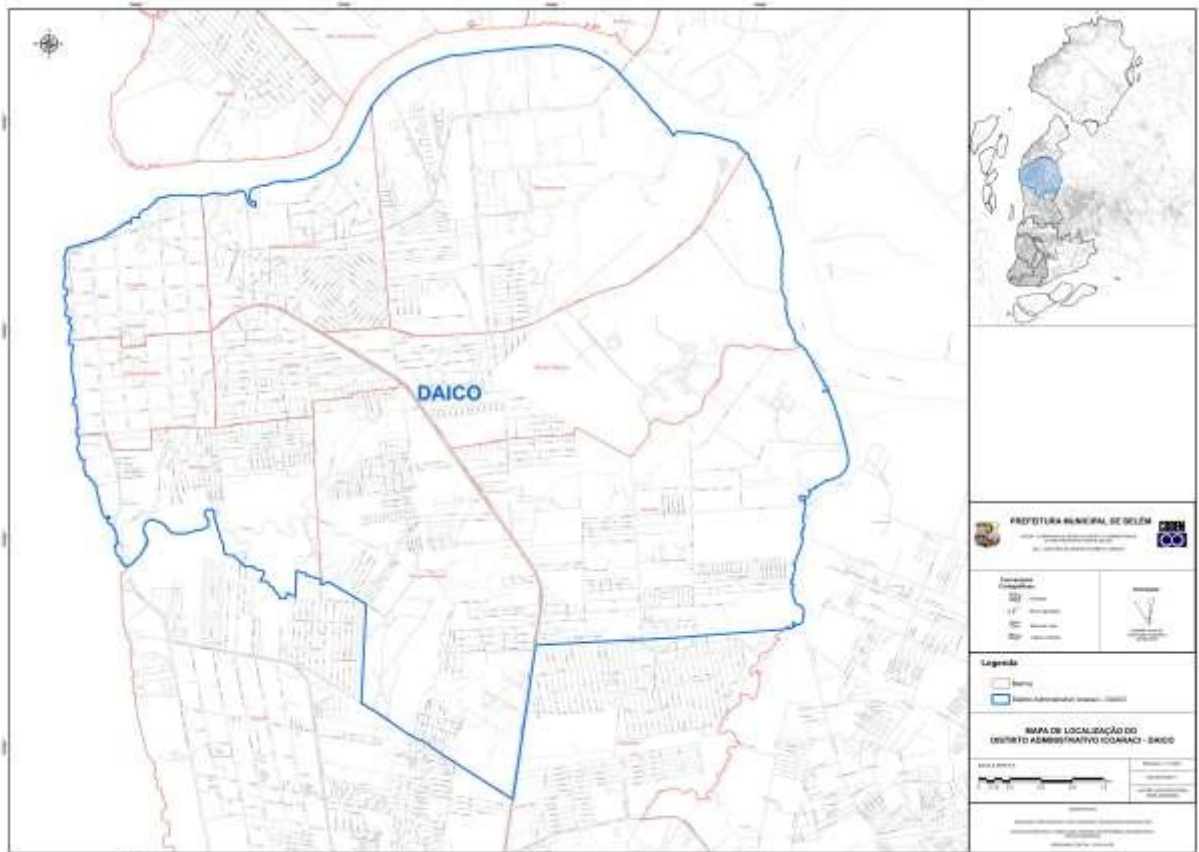


Mapa 3 - Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT*

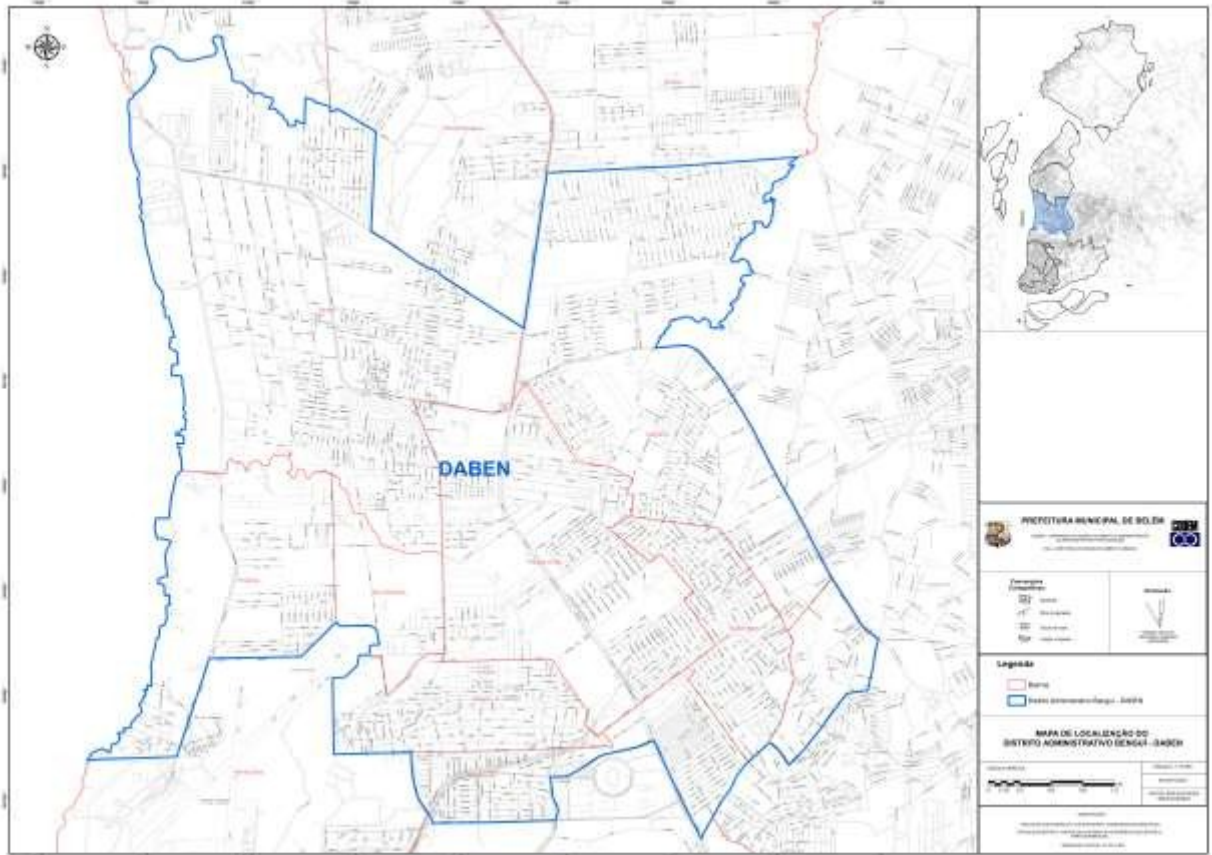


*A prefeitura da cidade disponibilizou apenas metade do mapa.

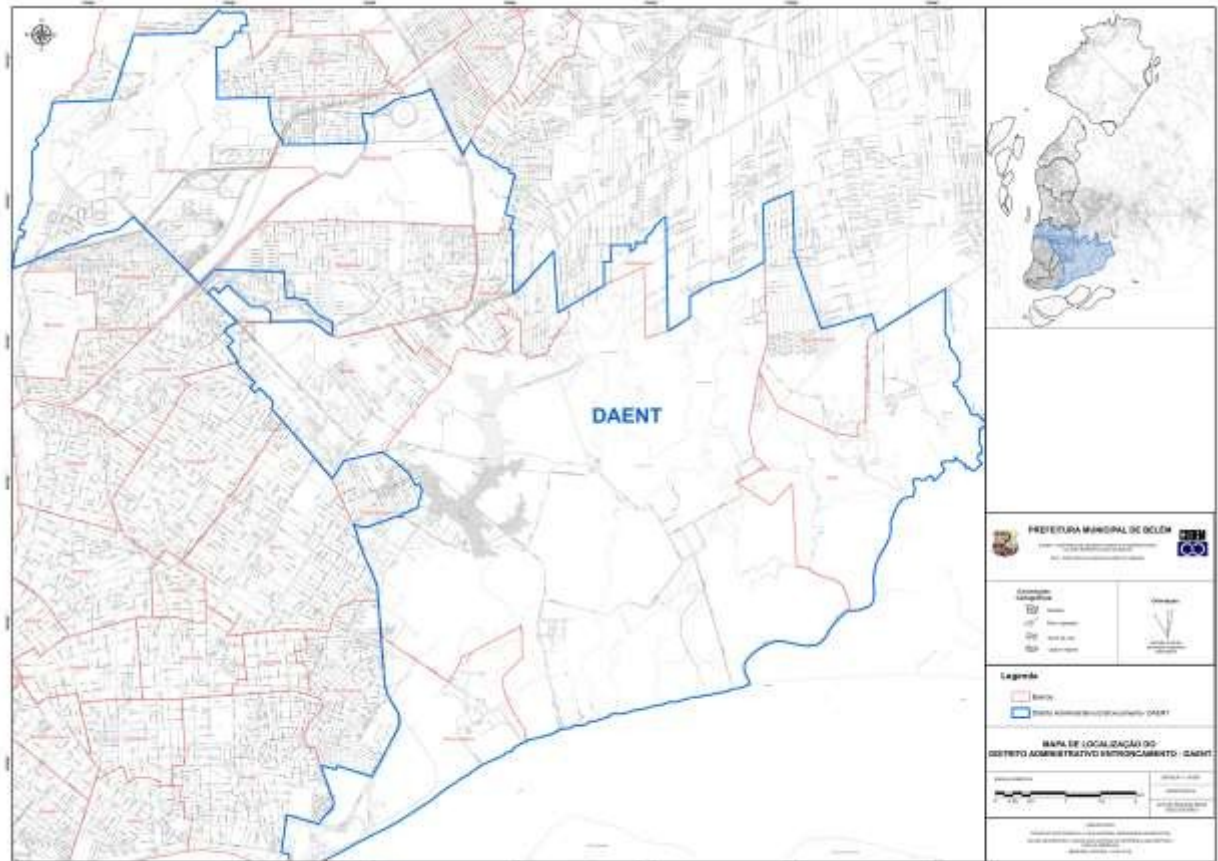
Mapa 4 - Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO



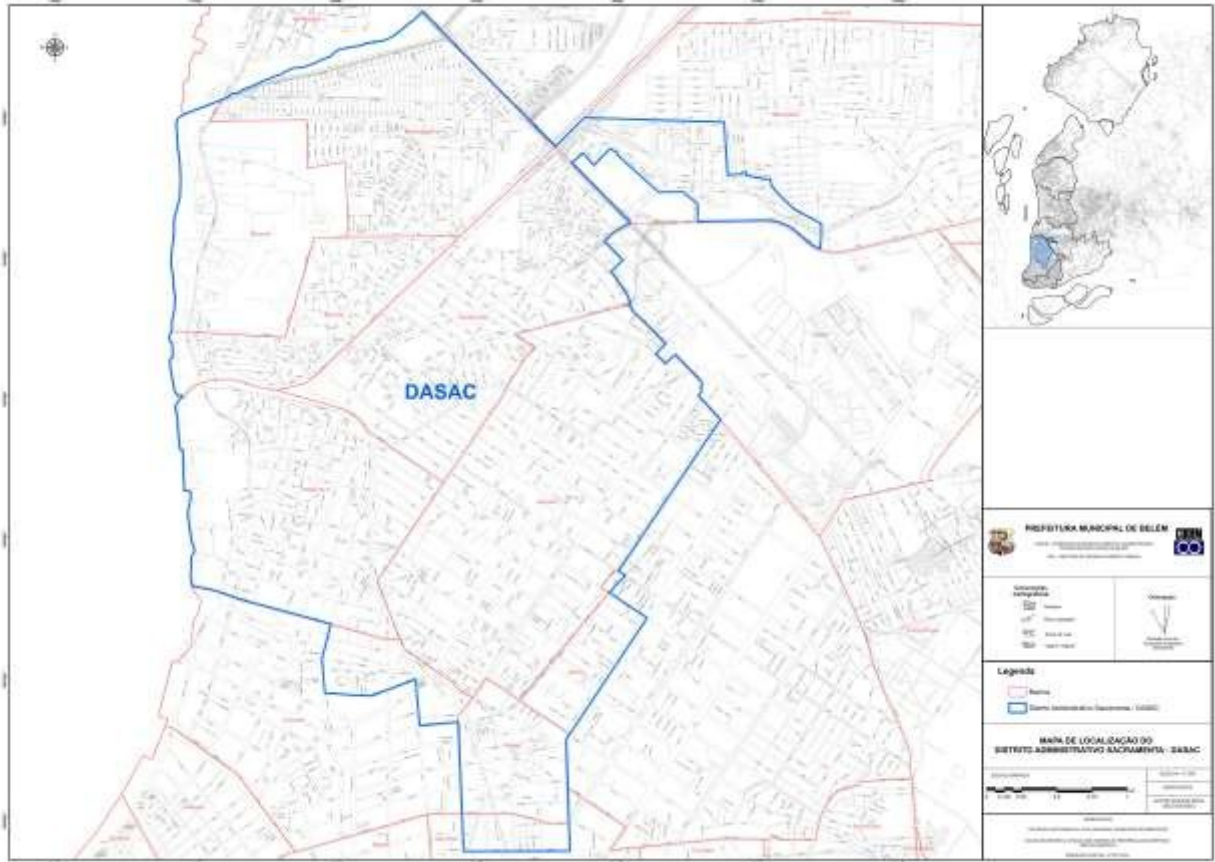
Mapa 5 - Distrito Administrativo do Benguí – DABEN



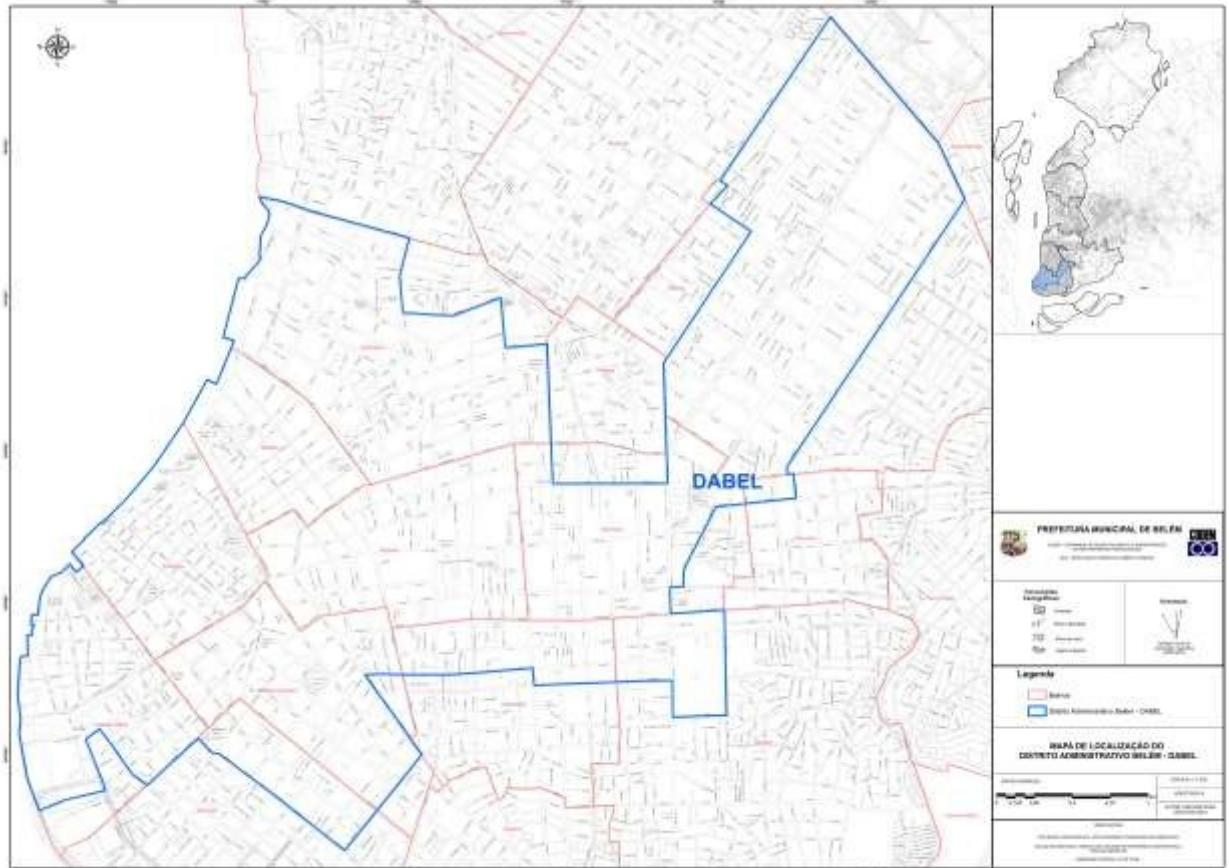
Mapa 6 - Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT



Mapa 7 - Distrito Administrativo da Sacramento – DASAC



Mapa 8 - Distrito Administrativo de Belém – DABEL



Mapa 9 - Distrito Administrativo Guamá - DAGUA

